



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINA – FACHTO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CRISTIAN CAIO SILVA MOREIRA

**ARCO, FLECHA E MOUSE: OS ASSURINÍ DA ALDEIA TROCARÁ E O USO
DAS TICS, NO MUNICÍPIO DE TUCURUÍ/PA**

**CAMETÁ, PARÁ
2021**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINA – FACHTO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Cristian Caio Silva Moreira

**ARCO, FLECHA E MOUSE: OS ASSURINÍ DA ALDEIA TROCARÁ E O USO DAS
TICS, NO MUNICÍPIO DE TUCURUÍ/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de História (FACHTO) do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

CAMETÁ, PARÁ

2021

Cristian Caio Silva Moreira

**ARCO, FLECHA E MOUSE: OS ASSURINÍ DA ALDEIA TROCARÁ E O USO DAS
TICS, NO MUNICÍPIO DE TUCURUÍ/PA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
FACHTO/PPGEDUC-UFPA-Cametá
Orientadora

Prof.^a M.^a Marcia Vieira da Silva (Márcia Wayna Kambeba)
PPGL/UFPA
Avaliadora

Prof. Me. Igor Silva de Barros
PPGED/UFPA
Avaliador

CAMETÁ, PARÁ
2021

Ao povo indígena Assurini do Trocará, pela confiança e partilha de saberes.

À memória dos Anciões desta etnia indígena que foram vitimados(as) pela Covid-19, em 2020, importantes lideranças e guardiões de memórias, saberes e histórias de resistências de seu povo, considerados(as) pelos seus descendentes como “verdadeiras bibliotecas vivas”, que fizeram a passagem física deste plano. Homenagens póstumas e sempre gratidão a: Ponakatu Assurini (mais conhecida por Vanda Assurini), Cacique Puraké Assurini, Cacique Sakamiramé Assurini, Iranoa Assurini (conhecida como dona Luzia) e Apioré Assurini (conhecido por Apurri Assurini).

A tecnologia é de fundamental importância para a nossa luta hoje, seja por resistência cultural, seja por resistência territorial, seja por informação. As pessoas não param pra analisar a profundidade do que os indígenas estão querendo. O indígena tá dizendo assim: “olha, tu já explorou muito o meu saber, tu já explorou muito o meu conhecimento, tu já me roubou o território, me roubou culturalmente, me roubou ambientalmente, agora é hora de eu fazer uso do que tu criar-te a partir da tua ideia de sociedade desenvolvida. Eu quero sim fazer uso do teu celular. Eu quero fazer uso do notebook, porque é do direito do indígena” (Márcia Wayna Kambeba).

AGRADECIMENTOS

À Deus e as divindades, por me fortalecer durante todo o trajeto percorrido até aqui, me amparando e me dando garra nos momentos de dificuldades, verdadeiros divisor de águas que me proporcionaram o amadurecimento intelectual e acima de tudo humano. Tornando-me uma pessoa melhor em vários aspectos, ofertando-me experiências e preparação para lidar com o lado duro da vida, me mostrando horizontes possíveis de sonhos e conquistas. Minha sempre gratidão pelas pessoas que foram colocadas no caminho ao longo desses anos no curso de História e na Universidade Federal do Pará, que com certeza foram e continuarão sendo importantes no alicerço para as conquistas da vida, contribuindo de alguma forma para o meu crescimento intelectual e profissional.

À minha família, principalmente meus pais, **José Ernesto Moreira** e **Tânia Maria Pereira da Silva**, por acreditarem na educação como a melhor saída para concretização dos meus sonhos e dos meus irmãos, lutando incansavelmente para nos garantir um futuro melhor, sendo a nossa entrada na universidade pública uma conquista deles também, onde o valor não se pode mensurar.

Ao meu irmão **José Ernesto Silva Moreira** e minha cunhada **Cláudia Rodrigues** por me acolherem em Cametá durante o período de aulas, me dando suporte que facilitou muito o meu dia a dia de estudante. Agradeço também a minha irmã **Paula Silva Moreira**, que com sua experiência acadêmica me ajudou no início do curso, quando em alguns momentos eu me via perdido.

À minha orientadora, mãe e amiga, Prof.^a. Dr.^a **Benedita Celeste de Moraes Pinto**, por ter me acolhido como um dos “filhos de Celeste”, por acreditar em mim e sempre fazer questão de ressaltar minhas potencialidades, a todo o momento me colocando para cima, muito além do que eu mesmo acredito que possa ir. Sem dúvidas me instruiu da melhor forma na construção deste TCC, sou extremamente grato por ter cruzado seu caminho, você faz parte do meu presente e fará parte de meu futuro, obrigado por tudo.

Aos meus amigos e amigas, colegas e companheiros(as) de jornada acadêmica, meu “Esquadrão Suicida” (ainda com **Bia** e **Karol**) ou mais tarde “HistDoc-Ufpa”: **Erick Cruz**, **Thalia Chaves**, **Jhone Tavares** e **João Vitor**, gratidão pela amizade e pelos momentos vividos juntos, desde as “brigas de práxis” até os momentos de sucesso resultantes de nossa parceria. Quanto orgulho sentimos de nós mesmos pelos trabalhos magníficos construídos

juntos, deixamos nossa marca no curso e muito além dele. À minha companheira e amiga **Elen Monteiro**, esta que além da sala de aula da universidade, enfrentou junto comigo dois anos de sala de aula no Ensino Fundamental, sendo professores pelo PIBID, experiência incrível que nos fortaleceu ainda mais, grato pelos momentos compartilhados e pela amizade.

Aos habitantes da comunidade indígena Assuriní do Trocará, em especial ao querido amigo professor **Waremoa Assuriní** (Péppe Assuriní), por todo o apoio e contribuição ao longo da pesquisa. Minha gratidão sempre aos professores(as) **Morosopia Assuriní** (conhecida por Vanderleia Assuriní), **Pirá Assuriní** e ao jovem **Piraunia Assuriní**.

Externo também meus agradecimentos aos indígenas da etnia Anambé, especialmente ao cacique **Yramu Anambé** (Raimundo Anambé, mais conhecido por Cafú) e sua esposa a professora **Vanusa Maria do Socorro Mendes** (conhecida por Vanusa Anambé), obrigado pela colaboração e ensinamentos recebidos por ocasião do Seminário Corpo, Educação, Resistências e Movimentos Sociais Afro-Indígenas na Amazônia, em novembro de 2019, na Vila de Juaba, município de Cametá. As contribuições do povo Assuriní, Anambé e de professores e lideranças quilombolas, com os quais tive contato neste evento foram essenciais e decisivas para construção deste trabalho. A todos(as) a minha sempre mais profunda gratidão.

Á **Sumiká Assuriní** e a professora **Imuinawa Assuriní** (conhecida por Gracinha), meus agradecimentos por tudo, com destaque especial pela imensurável contribuição em forma de registros fotográficos que fizeram e me enviaram gentilmente durante o processo de finalização da escrita deste estudo, quando fiquei impossibilitado de visitar a Aldeia Trocará durante o momento pandêmico ocasionado pelo novo Coronavírus-COVID-19. Sem dúvidas, esses aportes enriqueceram ainda mais o presente trabalho, minha gratidão por se mostrarem presentes mesmo nesse momento adverso de pandemia e na distância física, estiveram sempre disponíveis a me ajudar. Obrigado!

Às pesquisadoras, ativistas e professoras indígenas **Márcia Kambeba** e **Márcia Mura** as quais tive honra de dialogar a respeito da minha pesquisa. Recebi dessas professoras inúmeras dicas e conselhos sobre a temática abordada que, sem dúvidas, foram de grande contribuição para uma melhor condução da pesquisa e para o tecimento das análises que compõem este estudo. Gratidão sempre.

Aos grupos de pesquisa: **História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA-CNPq) & Quilombos e Mocamboiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA-CNPq)**, liderados pela prof^a. Dr^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto, dos quais sou integrante e tive a oportunidade de participar de eventos em que fui inserido desde organizador até coordenador de GT e palestrante, experiências essas que me fizeram amadurecer intelectualmente e ampliar minhas relações com pessoas. Meus profundos agradecimentos.

À **Faculdade de História da Amazônia Tocantina (FACHTO)** com seu quadro de professores e professoras, além dos funcionários(as) e alunos(as), por possibilitar um ensino de qualidade e emancipatório aos filhos e filhas de trabalhadores da região do Baixo Tocantins, o ensino ofertado se mostrou eficaz para minha formação profissional. Grato por todos os conhecimentos desfrutados.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivos analisar como ocorre o uso das tecnologias de comunicação entre os indígenas Assuriní da Aldeia Trocará, no município de Tucuruí, no Pará, na perspectiva de identificar quais tipos de redes sociais estes fazem uso como ferramenta de interação social na Aldeia Trocará, visando verificar a partir de qual momento tiveram acesso aos aparelhos eletrônicos e aos meios tecnológicos de comunicação e que interferência ocasiona em suas vivências. Assim como, averiguar a familiaridade dos Assuriní com o uso das redes sociais e outras plataformas digitais, no sentido de refletir se esses sujeitos utilizam as ferramentas que as TICs disponibilizam, para benefícios individual e coletivo, analisando possíveis alterações no cotidiano dos habitantes da Aldeia Trocará a partir da interação nas redes sociais. Metodologicamente, a pesquisa foi executada em duas etapas: Primeiro foi realizado um levantamento bibliográfico e estudo de obras de autores que se ocupam da temática em questão, os quais foram de importantes para a constituição deste estudo, entre os quais se destaca: AGUILAR (2012); COSTA (2010); PINTO e PROCÓPIO (2018); SANTOS (2011); PEREIRA (2007); LUCIANO (2006). Além de autores que tratam de questões relacionadas a história oral, memória, como: THOMPSON (1992); PORTELLI (1997); OLIVEIRA (2008), que muito auxiliaram nas análises de composição do presente trabalho. Na segunda etapa da pesquisa foram realizadas entrevistas com alguns habitantes da Aldeia Trocará. Adotamos, portanto, uma abordagem qualitativa devido à proximidade com os sujeitos envolvidos. Desta forma, a pesquisa faz uso de fontes orais, mediante entrevistas, conversas informais e histórias de vida no intuito de compreender o dia a dia das pessoas na comunidade, bem como as relações de sociabilidade que se desenvolve a partir a interação delas com as TICs, e seus desdobramentos. Dados da pesquisa apontam que os indígenas Assuriní da Aldeia Trocará vem utilizando as TICs como forma de resistência diante das necessidades que se apresentam no atual mundo globalizado. Pois, através das ferramentas que estas disponibilizam, é possível utilizar novas metodologias de luta, que, além de contribuir para o fortalecimento político cultural e para visibilidade de suas causas e sujeitos, possibilita outros benefícios individuais e coletivos para dificuldades do dia a dia. Contudo, mesmo para os indígenas que não se encontram inseridos totalmente no contexto das tecnologias informacionais e de comunicação, possuem pouco contato com os eletrônicos remanescentes destas, tem limitações na utilização de suas ferramentas e recursos, ou ainda que esse contato possa trazer algumas consequências negativas, não se pode negar o papel fundamental que as TICs ocupam no contexto desta comunidade, servindo como ferramenta de luta na atualidade.

Palavras-chave: **Povo Assuriní; Tradição; Novas Tecnologias.**

RESUWA

Karamé, sema`enawa hekai repané toro`esang Kato`ete a`é oma`é e`omi Tokorapina (Tecnologia) Oké akwawa Assuriní ywya pype Tukurapé no ma`é Toria ywya pé Tukuruia, ma`é Pará pé, e`omi toro`esang a`é tupawa sociais a`é o`apó ma`é ywyrakynga imanao social ywya rehé Tukarapé to`esá aká ma`é e`omi henapa ma`é apotawa e`omi eletrônicos a`é hasei Tecnológicos ma`é se`engawa a`é Kwe interferência i`i ma`é né ma`é apotawa. A`é e`omi o`esa Akwawa Wereká oseweysa Assuriní e`omi Kwe amoté plataformas digitais, oseope taapa, toro`esang toro`se`eng Kwa a`é TICS, oapa ma`é pyhykawa oseope, amoté pé wé oseope sawe, a`ose`oho, oma`e`apa ma`é alterações a`é cotidiano i`i.

ABSTRACT

This study aims to analyze the use of communication technologies among the Assuriní indigenous people of the Trocará village, in the municipality of Tucuruí, Pará State, in order to identify which types of social networks they use as a tool for social interaction in the Trocará village, aiming to verify from which moment they had access to electronic devices and to the technological means of communication and what interference it causes in their lives. It is also aimed to investigate the Assuriní's familiarity with the use of social networks and other digital platforms, in order to reflect on whether these people use the tools that the ICTs make available for individual and collective benefits, analyzing possible changes in the daily lives of the inhabitants of the village Trocará from the interaction on social networks. Methodologically, the research was carried out in two stages. First, a bibliographical survey and study of works by authors who deal with the theme in question was carried out, which were of utmost importance for the constitution of this study, among which we highlight: AGUILAR (2012); COSTA (2010); PINTO and PROCÓPIO (2018); SANTOS (2011); PEREIRA (2007); LUCIANO (2006). In addition to authors who deal with issues related to oral history, memory, such as: THOMPSON (1992); PORTELLI (1997); OLIVEIRA (2008), which greatly helped in the analysis of the composition of this work. In the second stage of the research, interviews were carried out with some habitants of the Trocará Village. We adopted, therefore, a qualitative approach due to the proximity with the subjects involved. In this way, the research makes use of oral sources, through interviews, informal conversations, and life stories in order to understand the daily life of the people in the community, as well as the sociability relations that develop from their interaction with ICTs, and their unfoldings. Research data indicate that the Assuriní indigenous people of the Trocará village have been using ICTs as a form of resistance against the needs that present themselves in the current globalized world. Through the tools that they make available, it is possible to use new methodologies of struggle that, besides contributing to the political and cultural strengthening and to the visibility of their causes and subjects, make possible other individual and collective benefits for the difficulties of daily life. However, even for indigenous people who are not totally inserted in the context of information and communication technologies, have little contact with the remaining electronics, have limitations in the use of their tools and resources, or even though this contact may bring some negative consequences, one cannot deny the fundamental role that ICTs play in the context of this community, serving as a tool for fighting nowadays.

Keywords: Assuriní People; Tradition; New Technologies.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 Cacique Pirá Assuriní assistindo televisão em sua casa.....	28
Imagem 02 Cacique Pirá em sua casa usando o aparelho celular.....	31
Imagem 03 Cacique Pirá no espaço interno da escola usando o aparelho celular.....	31
Imagem 04 Mapa de Localização da reserva Trocará.....	36
Imagem 05 Cacique Pirá utilizando o computador na sede da Funai.....	43
Imagem 06 Cacique Pirá utilizando o computador na escola Warara´awa Assuriní.....	43
Imagem 07 Jovens Assuriní na aldeia usando em conjunto o aparelho celular.....	47
Imagem 08 Jovens Assuriní na aldeia usando em conjunto o aparelho celular.....	47
Imagem 09 Crianças Assuriní no espaço livre da comunidade utilizando o celular.....	59
Imagem 10 Crianças Assuriní jogando no celular a noite.....	62
Imagem 11 Crianças Assuriní jogando no celular a noite.....	62

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
------------------------------------	-----------

CAPÍTULO I

IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL, TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) E AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS POVOS INDÍGENAS.....	22
--	-----------

1.1 Povos indígenas e as novas TICs: um diálogo contemporâneo.....	22
--	----

1.2 Articulando-se com a modernidade e caminhando com as novas tecnologias.....	27
---	----

CAPÍTULO II

OS ASSURINÍ DA ALDEIA TROCARÁ E AS TICs: FAMILIARIDADES E USO DAS REDES SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS.....	35
--	-----------

2.1. Descortinando o Locus de Estudo: Histórias, Memórias e Vivências do Povo Assurini da Aldeia Trocará.....	35
---	----

2.2 Do contato ao domínio: analisando experiências tecnológicas e digitais dos Assurini do Trocará.....	41
---	----

2.3. Inclusão tecnológica digital: experiências, impactos, dificuldades e desafios.....	49
---	----

2.4. Problemáticas e dificuldades no acesso e utilização dos meios tecnológicos.....	63
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
----------------------------------	-----------

FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....	70
---	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
--	-----------

ANEXO I.....	75
---------------------	-----------

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo Aguilar (2012), com o advento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no mundo, a informação num contexto de práticas informacionais em rede é um recurso de ação de identidade/diversidade cultural que pode transformar as estruturas mentais e sociais, o que possibilita aos sujeitos sociais a criação de novos estados de conhecimento, uma espécie de atualização da sua própria identidade étnica, nos quais se dá o estabelecimento de uma consciência de si e do mundo, o surgimento de uma consciência étnica individual e/ou coletiva. Assim, a partir desses estados de conhecimento, a informação constitui-se num recurso para a formação e reprodução da identidade/diversidade cultural (AGUILAR, 2012, p. 126).

Nesse sentido, de acordo com Costa (2010), “as práticas identitárias que constituem as sociedades indígenas na contemporaneidade nos obrigam a pensar em sujeitos constituídos por múltiplas identidades” (COSTA, 2010). Sendo assim, segundo afirma Aguilar (2012),

a informação somente constitui-se num recurso para a identidade/diversidade cultural, dentro de um contexto comunicativo específico, que é o contexto participativo-comunicacional em rede, no qual cada integrante de rede procura recuperar, difundir e trocar diversos aspectos de sua etnia (história, cultura, tradições, crenças, etc.). Portanto, o desenvolvimento, a recuperação e construção de uma determinada identidade cultural, implicam considerar que todos os seres humanos são “*fazedores e sabedores*”, pois todos tem algum conhecimento sobre algum tema, e tal conhecimento deve ser considerado nas práticas informacionais. Destarte, as práticas informacionais (geração e transferência de informação) são as funções principais que permitem a criação e a comunicação de conteúdo, que contribuirão para formação e fortalecimento das identidades culturais étnicas (AGUILAR, 2012, p. 126-127).

Partindo dessas análises, o presente trabalho envereda por uma escrita visando desconstruir visões estereotipadas que se tem acerca das populações indígenas, enraizadas historicamente na mentalidade coletiva. Nas afirmações de Pinto e Procópio (2018),

a inserção das TICs entre as populações indígenas, como a Assuriní, possibilita a rapidez no acesso as informações e no relacionamento com pessoas de todo o mundo, contribuindo para o processo de evolução tecnológica... Desta forma, tais indígenas veem as novas TICs como aliadas no fortalecimento identitário, na valorização histórica e sociocultural e no combate a vários tipos de preconceitos sofridos ao longo dos anos (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 190).

Para Alda Costa (2010), a inserção das TICs no contexto indígena possibilitou o diálogo com a sociedade envolvente, dando o sentido de pertença a esta. Ao refletir sobre o papel da indústria cultural em nossa sociedade, esta autora enfatiza que tal diálogo era impensável tempos atrás, visto que o avanço da sociedade tecnológica/informacional substituiria automaticamente as culturas/identidades das sociedades tradicionais, assim, “durante muito tempo acreditou-se que os meios de comunicação eliminariam os vestígios das tradições populares, que a sociedade seria toda homogênea em uma única e grande cultura” (COSTA, 2010). Em contrapartida, conforme analisa Silva (2014),

Não estão ocorrendo mudanças apenas nas escalas global e nacional e na arena política. A formação da identidade ocorre também nos níveis “local” e pessoal. As mudanças globais na economia, por exemplo, as transformações nos padrões de produção e de consumo e o deslocamento do investimento das indústrias de manufatura para o setor de serviços têm um impacto local. Mudanças na estrutura de classe social constituem uma característica dessas mudanças globais e locais (SILVA, 2014, p. 29).

Tendo por base tais argumentações, este trabalho tem como lócus de estudo a Aldeia Indígena Assuriní do Trocará, localizada no município de Tucuruí-Pará, objetivando analisar como ocorre o uso das tecnologias de comunicação entre os indígenas desta aldeia, buscando entender como se dá o processo de uso das tecnologias de comunicação entre os indígenas Assuriní, uma vez que grande parte dos habitantes desta aldeia é conhecedora e usuária de diferentes tecnologias de informação e comunicação. Neste sentido, temos como inquietação verificar de que maneira esses indígenas fazem uso de redes sociais e das TICs de maneira geral como ferramenta de interação social interna e externamente a aldeia Trocará?

Desta forma, busca-se identificar que tipo de redes sociais os Assuriní fazem uso como ferramenta de interação social na aldeia Trocará, observando a partir de qual momento tiveram acesso aos aparelhos eletrônicos e aos meios tecnológicos de comunicação e quais interferências ocasionam em suas vivências. Assim como, averiguar que tipo de familiaridade os Assuriní possuem com o uso das redes sociais e outras plataformas digitais, no sentido de observar se esses sujeitos utilizam as ferramentas que as TICs disponibilizam, para benefícios individual e coletivo, refletindo a respeito de possíveis alterações no cotidiano dos habitantes da aldeia Trocará a partir da interação com/nas redes sociais.

O interesse pela temática se deu após o contato com a disciplina “História do Brasil Indígena e Colonial”, ministrada pela professora Benedita Celeste de Moraes Pinto, quando os textos estudados e as discussões desencadeadas em sala de aula durante a disciplina despertaram em mim um encanto pela temática indígena, ao perceber que é uma realidade que se faz próxima a minha. No momento em que a professora Celeste Pinto que pesquisa, estuda, como ela diz, em comunidades indígenas e quilombolas da Amazônia Tocantina, apresentou e discutiu conosco os resultados das pesquisas feitas por ela juntamente seus orientandos e demais integrantes dos grupos de pesquisas História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) & Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA), por ela liderados, fiquei inquietado e muito instigado em ampliar a visão que tinha a respeito dos povos indígenas. E, assim, desde a proposta inicial deste estudo estou aprendendo cada dia mais, desconstruindo minha forma de pensar, deixando de lado estereótipos e preconceitos, que há muito tempo estavam enraizados em minha mentalidade e com esse trabalho dá uma parcela de contribuição para a causa indígena.

Metodologicamente, a pesquisa foi realizada em duas etapas. Primeiro, se realizou o levantamento bibliográfico e o estudo de obras de autores que se ocupam da temática em questão, os quais foram de primordiais para a constituição deste estudo, entre os quais se destaca: AGUILAR (2012); COSTA (2010); PINTO e PROCÓPIO (2018); SANTOS (2011); PEREIRA (2007); LUCIANO (2006). Além de autores que tratam de questões relacionadas a história oral e memória, como: THOMPSON (1992); PORTELLI (1997); OLIVEIRA (2008), que muito auxiliaram nas análises de composição do presente trabalho.

É importante mencionar que devido á excepcionalidade do momento de pandemia em que vivemos, fiquei inicialmente impossibilitado de ir até a aldeia e ter contato com o lócus de pesquisa, pois além de questões referentes a ética na pesquisa defendida pelos grupos de pesquisas aos quais também faço parte, os portões da Reserva Indígena Trocará também foram fechados para pessoas de fora logo no início pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus-COVID-19, no mês de março de 2020 no Brasil e, conseqüentemente, no Estado do Pará.

Contudo, ainda em novembro de 2019, tive a oportunidade de conviver por três dias com mais de vinte Assuriní, entre eles jovens, professores e lideranças, por ocasião do Seminário Corpo, Educação, Resistências e Movimentos Sociais Afro-

Indígenas na Amazônia, ocorrido na Vila de Juaba-Cametá/PA, um evento composto por rodas de conversas formadas por professores(as) indígenas e quilombolas. Esta foi uma oportunidade propícia, quando pude dialogar com essa etnia indígena e com a Anambé, do município de Moju, inclusive entrevistando professores(as) e lideranças desses dois povos, criando laços de amizade e confiança com muito deles (as), cuja conexão manteve por meio das redes sociais, como: *WhatsApp* e *Facebook*, que me ajudaram no transcorrer da pesquisa e na composição deste estudo.

Diante disso, na segunda etapa da pesquisa foram realizadas entrevistas com alguns habitantes da aldeia Trocará. Adotamos uma abordagem qualitativa devido à proximidade com os sujeitos envolvidos. Conforme Assevera Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha, por tanto, com o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Segundo destaca Oliveira (2008),

Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas. Os procedimentos metodológicos, então, são do tipo etnográfico como, por exemplo: observação participante, entrevista, história de vida, dentre outros (OLIVEIRA, 2008, p. 3).

Sendo assim, apesar de inicialmente não ter conseguido fazer contato direto no lócus da pesquisa, me fiz presente entre eles mesmo a distância, tendo que reinventar as metodologias da pesquisa etnográfica, utilizando as redes sociais, *Facebook* e *WhatsApp*, como forma de comunicação e participação. Minha visita à aldeia Trocará aconteceu no dia 21 de maio de 2021, quando tive a oportunidade e honra de representar, juntamente com o bolsista de iniciação científica, Felipe Moraes, do curso de Língua Inglesa e o motorista Neto Gonçalves da UFPA, pesquisadores e pesquisadoras dos grupos de pesquisas HELRA e QUIMOHRENA, para fazer entrega de cestas básicas à professores(as) Assuriní, que se encontravam sem vínculo empregatício com a Secretaria de Educação do Município de Tucuruí. Ressalta-se que essas cestas básicas foram conseguidas por meio da ação solidária “UFPA Contra a Fome”.

Foi então que experimentei a alegria de poder rever todas aquelas pessoas que conheci e dialoguei na Vila de Juaba, em 2019, e através delas conheci mais gente na

aldeia Trocará. Aproveitei a ocasião para reativar nossas conversas, conversei com todos(as), me inteirando um pouco mais no cotidiano dessa aldeia e observando a rotina dos seus moradores, estreitando laços de confiança e amizade. Então, trocamos contatos de celular, e a partir daí pude interagir muito mais com essas pessoas, sendo que essa conexão pós ida na Terra indígena Trocará foi fundamental para a finalização da pesquisa e para a escrita final do presente estudo.

Desta forma, este estudo faz uso de fontes orais, mediante entrevistas, conversas informais e histórias de vida, no intuito de compreender o dia a dia das pessoas na aldeia Trocará, bem como, as relações de sociabilidade que se desenvolvem a partir a interação delas com as TICs, e seus desdobramentos. Diante disso, as metodologias da história oral se destacam por sua importância no desenvolvimento deste estudo. Segundo afirma Paul Thompson (1992),

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 1992, p. 44).

No mesmo sentido, Portelli (1997) defende que a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social, o que torna a história oral diferente e que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. As entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos, “lançam nova luz sobre as áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p. 22- 31).

Da mesma forma, foram utilizadas fontes imagéticas do acervo pessoal dos colaboradores da pesquisa, o jovem Sumiká Assuriní e a professora Imuinawa Assuriní, cujas imagens foram feitas por eles e enviadas a mim, no início de 2021. Isso, após estabelecer contato com Sumiká pelas redes sociais, que muito solicito se dispôs a contribuir com os registros pessoais que possuía. No caso da professora Imuinawa, de

quem recebi alguns registros fotográficos que fazem parte deste estudo, sua colaboração foi facilitada em decorrência da minha ida a aldeia Trocará, quando dialoguei com ela a respeito do tipo de imagem que estava precisando para finalizar a pesquisa, e esta professora prontamente se dispôs a colaborar com o meu trabalho de pesquisa. Nossos contatos se estabeleceram por meio do *WhatsApp*, por onde ela gradualmente me enviou as imagens.

Portanto, os registros fotográficos que fazem parte do presente trabalho são de autoria dos próprios Assuriní, revelando assim, a ótica que possuem referente a questão tecnológica presente no contexto da sua aldeia. Por meio desses registros fotográficos explicita-se ainda mais o que venho debatendo ao longo deste estudo, pois traz a percepção dos próprios indígenas ao fazerem tais registros, assim como, mantiveram diálogos virtuais comigo, caracterizando e exemplificando uma ação, que comprova grande parte de tudo o que me propus compreender entre essa etnia indígena no que se refere as tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Segundo afirma Oliveira (2008), “o objetivo do investigador, que usa a história de vida para coleta de dados é registrar fielmente o que contam os sujeitos. Para isso, pode utilizar registros públicos ou registros pessoais como os referidos” (OLIVEIRA, 2008, p. 13). Sendo assim,

O contato com o campo deve ser direto, tendo uma longa duração para que se possa melhor entender a vida do grupo pesquisado. Durante esse tempo, o estudioso pode utilizar algumas técnicas para obter um quadro mais amplo do ambiente analisado. A abordagem etnográfica permite a combinação de técnicas como, por exemplo: a observação, a entrevista, a história de vida, a análise de documentos, vídeos, fotos, testes psicológicos, dentre outros (OLIVEIRA, 2008, p. 5).

Desataca-se assim, a importância da variedade de fontes para a construção da pesquisa com base etnográfica, que devem ser levantadas e analisadas em um tempo consideravelmente extenso, para que tudo seja feito de maneira adequada e que atenda as técnicas da pesquisa.

Segundo afirma Pinto e Procópio, as novas TICs vêm construindo novos valores e novas formas de pensar e interagir entre os indígenas Assuriní, ao passo que tende a modificar os comportamentos de muitos indígenas, assim como, contribui para a transformação política, cultural e educacional desses indígenas, de forma individual e coletiva (PINTO, PROCÓPIO, 2018). Nessa perspectiva, conforme defende Gersem Baniwa Luciano (2006),

Na atualidade, é evidente o desejo dos povos indígenas pela apropriação dos recursos tecnológicos para a defesa dos seus direitos e para a melhoria das condições de vida. Mas também são evidentes as dificuldades para o acesso e a apropriação adequados, os quais precisam ter como principal fundamento o fortalecimento dos conhecimentos e dos valores tradicionais, complementados e enriquecidos pelos avanços da modernidade, da ciência e da tecnologia digital. É inegável o papel dos sistemas de comunicação e de informação digital na luta pela defesa dos direitos dos povos indígenas. Com eles, os povos indígenas cada vez mais estão superando a invisibilidade social, principal causa da ignorância, do preconceito e da discriminação (LUCIANO, 2006, p. 91).

Desta forma, o presente estudo busca identificar a familiaridade dos Assuriní com o uso das redes sociais e outras plataformas digitais, no sentido de observar se esses sujeitos utilizam as ferramentas que as TICS disponibilizam, para benefícios individual e coletivo. Nessa perspectiva,

Atualmente percebe-se nesta aldeia que a vida desses indígenas vem passando por constantes transformações, principalmente porque cada vez mais vivenciam influências das culturas vindo de fora. Segundo o líder Puraké Assuriní, um dos costumes adquiridos pelo seu povo nos dias atuais é a tecnologia utilizada no dia a dia da comunidade, a exemplo do aparelho celular, por meio do qual se comunicam entre si e com outras etnias, a TV, cuja programação preferida são as novelas, além de outras ferramentas tecnológicas. O avanço tecnológico nas aldeias dos Assuriní possibilitou algumas mudanças de hábitos, conforme avaliou o líder Puraké Assuriní. Os eletrônicos que antes eram considerados novidade para esses indígenas, agora são itens comuns no cotidiano de suas aldeias, por isso já é possível perceber indígenas que trocaram os arcos e as flechas pelos *mouses* dos computadores (PINTO, PROCÓPIO, 2018 p. 187).

Logo, tentar compreender de que forma apreenderam tais tecnologias, de que maneira fazem uso a partir de problemáticas e necessidades da sua realidade. Nessa linha de análise, para Souza e Tomizawa “o uso dos meios de comunicação mostra ser um importante instrumento na atuação dos grupos sobre o próprio destino, na gestão e ampliação de suas relações com a sociedade não indígena” (SOUZA, TOMIZAWA, 2011, p. 17). Sendo assim, “o acesso às tecnologias por parte dos povos indígenas deve contribuir para o fortalecimento de suas culturas e tradições e melhorar as condições de vida, sem que percam as suas identidades e os modos próprios de ser e de viver” (LUCIANO, 2006, p. 90). Desse modo,

A tecnologia é um importante objeto de reflexão associado à atualização da imagem dos índios perante a sociedade em geral e, principalmente, em combate ao preconceito. O conhecimento, as ações de formação educativa colaborativas e a visibilidade reivindicada pelos grupos que afirmam uma

identidade étnica indígena, revelam uma nova face desterritorializada dos processos contemporâneos de etnogênese que incluem a comunicação digital como estratégia (PEREIRA, 2007, p. 85).

Em vista disso, ressalta-se a importância do trabalho pela relevância social juntamente com sua contribuição histórica para com o povo Assuriní, assim como, colaborar com futuras pesquisas a respeito do tema, ainda carente de discussões acadêmicas. Dessa forma, diante da carência de produções científicas acerca da participação indígena no mundo das tecnologias digitais, Pereira (2007) enfatiza que a presença indígena no ciberespaço, embora seja crescente, ainda é minoritária, atuando ao longo dos últimos anos através de sites, blogs, comunidades virtuais e ambientes colaborativos, assim, se (re)constroem e se (re)elaboram etnicamente nas redes digitais. Visto que, “Ainda que a presença na rede seja significativa e corresponda a uma novidade são poucos os estudos sobre os índios na internet, principalmente sobre a experiência dos índios situados no Brasil” (PEREIRA, 2007, p. 1).

Sendo assim, este trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo, *Identidade/Diversidade Cultural, Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS) e as Práticas Informacionais dos Povos Indígenas*, trata sobre os novos meios tecnológicos de comunicação e informação no contexto dos povos indígenas, seus impactos na vida social e suas influências em aspectos culturais e identitários, focalizando nos processos de transformação e ressignificação por intermédio das TICs, dando ênfase às experiências tecnológicas cada vez mais intensas que ampliam as possibilidades de resistência político e cultural na atualidade.

O segundo capítulo, *Os Assuriní da Aldeia Trocará e as TICs: Familiaridades e Uso das Redes Sociais e Plataformas digitais*, aborda como se dá a utilização das tecnologias digitais e suas ferramentas na Aldeia Trocará, destacando as experiências dos indígenas Assuriní em sua participação nos espaços virtuais e mídias sociais, realçando os pontos positivos e refletindo sobre os pontos negativos ocasionados por essa interação. Dessa forma, tratando das especificidades na inserção, adaptação e domínio desses indígenas com as ferramentas virtuais, logo, suas dificuldades e familiaridades. Além de destacar as mudanças no dia a dia dos Assuriní no decorrer do tempo, desde os primeiros contatos até a configuração atualmente mediante a forte presença dos recursos tecnológicos digitais na comunidade.

CAPÍTULO I

IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL, TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) E AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS POVOS INDÍGENAS

1.1 Povos indígenas e as novas TICs: um diálogo contemporâneo

Segundo Alves, as Tecnologias da Informação e de Comunicação (TICs) são constituídas por uma convergência da informática, da eletrônica e das telecomunicações, e seus produtos, recursos, hardware/software, ou seja, um conjunto de equipamentos e aplicações: hardware, sistemas de software, comunicações, ferramentas, que permitem a veiculação, armazenamento e utilização de dados. As Tecnologias da Informação e Comunicação se fazem cada vez mais presentes na produção e no processo produtivo vivenciados na atualidade, como também nas políticas, nas relações culturais e sociais; nos meios de comunicação e nas formas de produzir, acessar e ou representar o conhecimento (ALVES, 2015, p. 16).

Para Noronha (2010), são conhecidas por Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) as tecnologias e métodos para comunicar que surgem no contexto da Revolução Informacional, "Revolução Telemática" ou Terceira Revolução Industrial, que foram florescendo gradualmente após a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 1990. Com o advento destas novas tecnologias surgiu a "sociedade da informação". Sendo assim, as NTICs constituem as mais variadas formas de comunicação que hoje são difundidas pelo mundo, abrangendo opções, que passam pelos jornais, rádios, televisões, ingressando pela cibernética, universalizando qualquer informação, sobretudo através da *Internet* ou por *E-mail*. Em vista disso, percebe-se que essas novas tecnologias se associam à interatividade, no momento que a comunicação se torna universal a pessoas indeterminadas e não somente de maneira direcionada a pessoas específicas (NORONHA, 2010, p. 2).

Segundo o escritor indígena Gersem Baniwa Luciano, historicamente o indígena foi e continua sendo objeto de múltiplas imagens e conceituações por parte da sociedade não indígena, que vem sendo marcada profundamente por preconceitos e ignorância. Desde a chegada dos portugueses e outros europeus que os julgaram como inferiores

cultural e biologicamente, os caracterizando como animais selvagens, seres sem alma, portanto, não humanos. Sendo essas algumas concepções dos “brancos” que julgam a totalidade dos povos indígenas, partindo da ótica etnocêntrica dominante na Europa ocidental. Logo, o resultado dessa visão discriminatória construída ao longo da história de contato, é uma série de indefinições e contradições que se fazem presente no imaginário social brasileiro, pois, permanece considerando os povos indígenas como culturas em estágios inferiores, onde a única possibilidade é a integração e a assimilação à cultura global. Em consequência disso, “os povos indígenas, com forte sentimento de inferioridade, enfrentam duplo desafio: lutar pela auto-afirmação identitária e pela conquista de direitos e de cidadania nacional e global” (LUCIANO, 2006, p. 34). Destarte,

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstruam seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial (SILVA, 2014, p. 25).

Observa-se que as atuais gerações indígenas nascem, crescem e vivem tendo um novo olhar direcionado ao futuro, potencialmente possível e encorajador, diferentemente do que foi vivenciado pelas gerações passadas que nasceram e viveram conhecedoras do catastrófico desaparecimento de seus povos. Portanto, a reafirmação da identidade não se reduz apenas a um detalhe na vida dos povos indígenas, é um momento profundo em suas histórias milenares e “um monumento de conquista e vitória que se introduz e marca a reviravolta na história traçada pelos colonizadores europeus, isto é, uma revolução de fato na própria história do Brasil” (LUCIANO, 2006, p. 42-43).

Considerando a informação como elemento de ação que pode gerar transformações e criar novos estados de conhecimento a um indivíduo ou grupo, pode-se ampliar essa colocação no sentido de inseri-la nas práticas informacionais como estimuladora e formadora de uma “nova” identidade/diversidade cultural étnica (AGUILAR, 2012, p. 126). Ao passo que, segundo o escritor indígena Alex Makuxi

Santos¹, o advento da globalização e a existência das tecnologias no mundo tem revolucionado a comunicação entre diversas partes do planeta, alcançando sujeitos individual e coletivamente, proporcionando interação em suas mais variadas formas. Sendo assim, os povos indígenas não estão fora dessas formas de comunicação, se aliaram a elas para buscar novas formas de vida em detrimento de benefícios para seus povos (SANTOS, 2011, p. 1).

Para Alda Costa, a inserção das TICs no cotidiano dos povos indígenas, possibilitou o diálogo com a sociedade envolvente, dando o sentido de pertença a esta. Ao refletir sobre o papel da indústria cultural em nossa sociedade, esta autora enfatiza que tal diálogo era impensável tempos atrás, visto que o avanço da sociedade tecnológica/informacional substituiria automaticamente as culturas/identidades das sociedades tradicionais, assim, “durante muito tempo acreditou-se que os meios de comunicação eliminariam os vestígios das tradições populares, que a sociedade seria toda homogênea em uma única e grande cultura” (COSTA, 2010). Todavia, “A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (SILVA, 2014, p. 21).

Almeida (2010), ao analisar a historicidade dos povos indígenas traz marcas da construção dessa visão de caráter homogêneo, afirmando que durante muito tempo o pensamento antropológico do século XX analisou a cultura como algo fixo e estável, compreendendo a cultura dos chamados “povos primitivos” como pura e imutável. Assim, no contato com outros povos de tecnologia superior perdia-se a cultura “autêntica”, sendo essa visão colonial base para se pensar os indígenas na história, vistos como isolados, não civilizados, sem história e fadados à extinção. Portanto, “os índios integrados à colonização, seja como escravos ou como aliados, eram vistos como submissos e aculturados, não constituindo, pois, categoria social merecedora de maiores investigações” (ALMEIDA, 2010, p. 16).

Diante disso, heranças dessa forma de pensamento e análise estão presentes na contemporaneidade, adentrando a mentalidade coletiva e contribuindo para construção e disseminação de visões estereotipadas acerca da posição destinada ao indígena na sociedade, que espaço este deve ocupar, considerando a apreensão das TICs por eles como uma perda da identidade cultural autêntica e original, passando a serem vistos

¹ Um dos gestores do Portal Índios Online desde 2008, compartilhando a gestão com quatro indígenas de outras etnias espalhadas pelo Brasil.

como “não índios” a partir da utilização destas. Nessa lógica, para Gersem Baniwa Luciano (2006),

as contradições e os preconceitos têm na ignorância e no desconhecimento sobre o mundo indígena suas principais causas e origens e que precisam ser rapidamente superados. Um mundo que se autodefine como moderno e civilizado não pode aceitar conviver com essa ausência de democracia racial, cultural e política. Como se pode ser civilizado se não se aceita conviver com outras civilizações? Como se pode ser culto e sábio se não se conhece – e o que é bem pior – não se aceita conhecer outras culturas e sabedorias? Enquanto isso não acontece, continuamos convivendo com as contradições em relação aos povos indígenas, as quais podemos resumir na atualidade em três distintas perspectivas sociais. A primeira diz respeito à antiga visão romântica sobre os índios, presente desde a chegada dos primeiros europeus ao Brasil. É a visão que concebe o índio como ligado à natureza, protetor das florestas, ingênuo, pouco capaz ou incapaz de compreender o mundo branco com suas regras e valores. O índio viveria numa sociedade contrária à sociedade moderna (LUCIANO, 2006, p. 35).

Observa-se que ainda persiste a visão etnocêntrica que retrata o indígena como culturalmente e tecnologicamente inferior, sujeitos a parte da sociedade, como por exemplo, recomendamos verificar a fala do atual presidente da república brasileira, Jair Bolsonaro, em uma declaração feita no dia 23/01/2020, na qual diz: “*índio está evoluindo*” e “*cada vez mais é um ser humano igual nós*”. Contudo, apesar de declarações como estas, é importante ressaltar que os povos indígenas não são seres ou sociedades que ficaram presos no passado, que reproduzem exatamente a perspectiva colonial. São povos presentes e participantes da atualidade, representando uma parcela significativa da população brasileira, sendo sua diversidade cultural, territórios, conhecimentos e fatores importantes para a construção do Brasil. Embora no Brasil de hoje, conforme afirma Gersem Baniwa Luciano, muitos brasileiros ainda “nos veem como índios preguiçosos, improdutivos, empecilhos para o desenvolvimento” (LUCIANO, 2006, p. 18).

Em contrapartida a esse tipo de visão discriminatória, a professora indígena Imuinawa Assuriní, 41 anos, moradora da aldeia Trocará, afirma que o fato de ela usar um celular ou usar “uma roupa” é por conta de que “respeita aquela cultura” e que faz questão de se apropriar também dos elementos considerados “pertencentes” a mesma. Contudo, “sempre também usando a minha” afirma ela, pois isso é importante para ela e enfatiza que “nunca quis criticar a cultura do outro, porque eu tenho a minha, mas também eu dou valorização para aquela cultura do outro grupo, outra etnia, ou pessoa da sociedade”. Demonstrando assim, o respeito que ao longo de quinhentos anos de

colonização o “homem branco” com a mentalidade colonial de superioridade, não manteve e continua não mantendo com sua cultura e identidade, denunciando a persistência do etnocentrismo na atualidade.

Para o escritor indígena Daniel Munduruku, uma grande parte do tratamento que historicamente se deu aos povos indígenas é consequência de um jogo de poder que desqualifica essas sociedades como capazes de comandar o próprio destino de forma autônoma, compreensão essa que não é intelectual, mas nasceu como se fosse, operando como um dispositivo de poder que agrega novas tecnologias no intuito de criar uma relação de interdependência entre os indivíduos (in)devidamente classificados de acordo com seu pertencimento a um ou outro grupo social. Logo, no caso dos indígenas, torna-se evidente que estes “pertencem a um grupo social que é seguramente – na visão ocidental – incapaz de contribuir para o bem-estar da sociedade nacional” (MUNDURUKU, 2012, p. 65). Por isso, segundo afirma Gersem Baniwa Luciano, torna-se importante e inegável que,

o processo de apropriação das tecnologias e de outros conhecimentos próprios da modernidade está possibilitando que esses povos reorientem e planejem seus futuros, reafirmando e fortalecendo os seus próprios conhecimentos. De acordo com essa perspectiva histórica, os recursos tecnológicos e digitais representam novas possibilidades de recuperação e de consolidação dos processos autônomos dos povos indígenas, na medida em que, efetivamente, podem contribuir decisivamente para a autogestão de seus territórios e para a sustentabilidade de seus projetos sociopolíticos, econômicos e espirituais (LUCIANO, 2006, p. 91-92).

Ressalta-se assim, a urgência de maior debate a respeito do tema, pois estimula uma reflexão acerca do imaginário social relativo às culturas indígenas, gerando uma “desterritorialização” de preconceitos difundidos no senso comum que perpassa por diversos setores da sociedade (FREIRE, LEITE, 2015, p. 6). Neste passo, Pereira (2007) alerta que,

o tema é provocativo para as imagens de índios presentes no imaginário popular brasileiro, para o campo da disciplina antropológica, historicamente reconhecida e “autorizada” a representá-los, e para as instituições – sejam elas governamentais ou não, construídas sob as modalidades de poder de tutela ou de assistencialismo (PEREIRA, 2007, p. 1-2)

Contudo, nota-se que diante da acelerada mudança pela qual passa a sociedade global, as populações indígenas e suas culturas/identidades não permanecem imutáveis, se adaptam de acordo com as necessidades. Portanto, “se os povos indígenas foram

capazes de reelaborar, em situações de contato, suas culturas, fizeram o mesmo com suas identidades” (ALMEIDA, 2010, p. 24-25).

1.2 Articulando-se com a modernidade e caminhando com as novas tecnologias

A respeito da inclusão tecnológica para os povos indígenas, múltiplas barreiras materiais e mentais consolidadas ao longo do tempo tentam negar esse direito, sendo a dificuldade de acesso aos meios tecnológicos, obstáculos para adaptação com as ferramentas à disposição, necessitando um maior contato para que se possa melhor dominar suas funções e usá-las em benefício próprio. Por isto, Costa e Fernandes (2015) afirmam que,

para muitas pessoas a tecnologia pode ser um verdadeiro sofrimento, quem nunca teve dificuldade em se adaptar a novos computadores, celulares entre outros equipamentos onde a tecnologia está materializada? Mas, quando finalmente nos acostumamos às novidades, a tecnologia se torna nossa aliada na busca de soluções de problemas cotidiano e até sociais (COSTA, FERNANDES, 2015, p. 49).

Diante da evolução tecnológica e a relação de dependência da sociedade em geral às novas tecnologias, percebe-se que culturas que antes eram vistas como fechadas e que habitam lugares de difícil acesso, começam a se mostrar ao mundo. A introdução de valores de outras culturas, por meio do contato com reportagens exibidas na mídia contribuem para o reconhecimento da cultura indígena na atualidade, sendo assim, “a inclusão digital representa uma espécie de janela que melhor se adapta as realidades desses sujeitos, se transformando em objeto de aprendizado e, ao mesmo tempo, de reconhecimento” (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 191). Logo, os indígenas, segundo enfatiza Costa (2010),

foram atraídos pelos encantos desses aparatos tecnológicos, levado pela proximidade de suas aldeias, assim como sua inserção no convívio com as sociedades urbanas. Esse contato com as mídias foi incorporado á cultura indígena. Hoje é comum encontrar nas comunidades indígenas aparelhos de TV, filmadoras, DVDs, rádios, telefones celulares, câmeras e computadores (COSTA, 2010, p. 4-5).

Demonstra-se assim, que a presença dos aparelhos eletrônicos se tornou comum nas comunidades indígenas, principalmente aquelas que se encontram próximas as

idades, conforme podemos observar na imagem 01, o senhor Pirá Assuriní² assistindo televisão em sua aldeia, dentro de sua casa, onde acompanha as programações tanto sozinho como em família em diferentes horários do dia. Desse modo, a TV3 passou a ser um importante veículo de informação presente em seu contexto familiar e comunitário, pois possibilita o acesso a informações para além de sua realidade, fazendo com que esteja por dentro de diferentes acontecimentos da sociedade em geral. Assim como serve para momentos de lazer com programações variadas, como novelas e programas de entretenimento que também são assistidos.

Imagem 01: Cacique Pirá Assuriní assistindo televisão em sua casa



Fonte: Acervo de imagem da professora Imuinawa Assuriní, 2021.

2 Em 2019, período da entrevista com o senhor Pirá Assuriní, este ocupava o posto de uma das lideranças da comunidade. Entretanto, em consequência da trágica presença do vírus da Covid-19 entre os Assuriní no início de 2020, faleceram dois caciques de seu povo, o cacique Puraké Assuriní e o seu pai, o cacique Sakamiramé Assuriní. Por conta disso, o mesmo foi levado a um dos postos de cacique da aldeia no dia 19 de abril de 2021, herdando assim, a função de seu pai.

3 Em conversas informais com a professora Imuinawa Assuriní, esposa do cacique Pirá, a mesma relatou que as programações televisivas, principalmente os jornais, foram e são essenciais no acesso à informação a respeito da Covid-19, questões sobre prevenção, vacinação e dados da pandemia os mantem atualizados, informados e atentos acerca do momento vivenciado.

Nesse sentido, a professora Imuinawa Assuriní, 41 anos, moradora da aldeia Trocará, ao se referir a respeito da apropriação de recursos considerados pertencentes a cultura ocidental, destaca a importância de se fazer o diálogo entre a cultura indígena e a não indígena. Assim como, menciona de que forma as tecnologias e suas ferramentas estão presentes em sua vida, dentro e fora de sua aldeia:

Eu tô me formando professora, né? Sou acadêmica, mas também eu tô atuando já três anos na sala de aula e o conhecimento da tecnologia de conhecer é: estudo científico também é muito importante, caminhar com dois lados, né? É importante nós indígena aprender as coisa boa do branco, né? Que tem muita coisa do branco que a gente tem que aprender e ensinar para nossas crianças, e também andar sempre junto com a nossa cultura, né? Porque nós somos indígenas, mas só porque a gente somos indígenas a gente não tem direito de ter uma televisão, ter um celular, né?... A tecnologia ajuda a desenvolver alguns trabalhos da comunidade, né? Faz parte, quando a pessoa mexe na tecnologia, por exemplo, nas redes sociais, na internet a gente precisa para fazer pesquisa, né? É baixar trabalho... as vezes trabalho da gente, dos alunos da comunidade mesmo... (Fala da Professora Imuinawa Assuriní, 41 anos, em 17/11/2019).

A professora Imuinawa mostra que dentro dos espaços educacionais em que ela está inserida, no caso da sala de aula, sendo aluna da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e atuando como professora na escola da sua aldeia, a contribuição dos recursos tecnológicos e suas ferramentas nesses ambientes, revelando o dialogo presente e necessário não só para ela enquanto universitária, mas como também para o processo educacional das crianças Assuriní, destacando que as tecnologias que vem de fora da aldeia devem servir como instrumento de fortalecimento cultural, pois está presente em diversos espaços e ações na vida dos indígenas Assuriní, com isso, ressalta que “é importante nós indígena aprender as coisa boa do branco, né?”, sendo preciso “caminhar com dois lados”. Uma vez que, “tem muita coisa do branco que a gente tem que aprender e ensinar para nossas crianças, e também andar sempre junto com a nossa cultura”.

Da mesma forma, um dos caciques⁴ da aldeia Trocará, o senhor Pirá Assuriní, 42 anos, ressalta a importância e o papel das novas tecnologias em sua vida e na vida da comunidade. Bem como a necessidade de se utilizar alguns aparelhos tecnológicos, como o celular, o rádio e suas funções, no seu dia a dia, pois, possibilita o acesso a

⁴ Atualmente a aldeia possui dois novos caciques, o cacique Imuiwa Assuriní, ocupando o posto de cacique geral e o já citado cacique Pirá Assuriní, ocupando o posto de cacique ajunto. Além destes, o senhor Kajuangawa Assuriní é o capitão mais velho, considerado o ancião sábio do seu povo.

informações dentro e fora da reserva, ao passo que ajuda em momentos de necessidade e emergência, facilitando a comunicação por torná-la mais rápida e acessível, gerando novas alternativas de articulação e ações para algumas pautas e outras questões que necessitam de um contato ou diálogo prévio:

Pra nós ela foi bom, foi importante, né? Porque nós indígena a gente vivemo no mato, sem esses aparelho, através do aparelho é que a gente tem como se comunicar, né? Eu acho que nós indígenas também tem que ter, é... uma coisa assim que os branco tem, como computador, celular. Não é só porque eu sou índio que eu não vou ter, eu acho que eu como indígena eu devo ter também isso aí como o computador, um celular, ter uma televisão, ter uma geladeira, né? A gente tem que ter tudo isso aí, pra gente não ficar só naquilo ali, porque se não a gente não ficar sabendo de nada que tá acontecendo fora, certo?... Fica mais fácil de a gente tá se comunicando com outro, primeiro a gente demorava saber as coisa, mas hoje não, através do celular, da internet ficou mais fácil pra gente. É... a gente tá aqui e o pessoal tá lá em cima, é rapidinho que vem, né? Por exemplo, eles mandam um recado: olha, amanhã tal dia a gente vai pro trocará, então fala pra comunidade se reunir lá e espera a gente. Então a gente já fica esperando porque é muito rápido, pra nós também melhorou muito isso aí. São quatro aldeia lá, né? A gente tem um rádio lá também, qualquer coisa o pessoal passa o rádio, aí o carro vai buscar. Então assim, facilitou muito pra gente lá na aldeia, por exemplo, o carro da saúde sai pra cidade, acontece uma emergência na aldeia, rapidinho pega o celular vai e liga e o motorista vem, né? E isso facilitou muito pra gente (Pirá Assuriní, 42 anos, em 17/11/2019).

Para o cacique Pirá, os aparatos tecnológicos diminuíram a distância e facilitaram a comunicação dentro e fora da aldeia, por meio da rapidez no acesso as informações que são importantes para o contexto da comunidade, o que é visto como essencial para a organização de questões existentes e que “facilitou muito pra gente lá na aldeia, por exemplo, o carro da saúde sai pra cidade, acontece uma emergência na aldeia, rapidinho pega o celular vai e liga e o motorista vem, né? E isso facilitou muito”. Com isso, ressalta a necessidade da apropriação dos eletrônicos que oferecem tais facilidades para o dia a dia. Além disso, insiste em destacar que o fato de ser indígena não interfere na utilização destes recursos, enfatizando o diálogo existente e contrariando os discursos hegemônicos que tentam negar esse direito por meio da invalidação da identidade indígena. Afirmando que “nós indígenas também tem que ter, uma coisa assim que os branco tem, como computador, celular. Não é só porque eu sou índio que eu não vou ter”.

Diante dessas afirmações, observamos nas imagens 02 e 03 a materialização e a utilização dos aparelhos eletrônicos dentro da aldeia, a simbologia dos momentos registrados representa o diálogo entre a identidade cultural dos Assuriní e as novas TICs, conforme evidenciado na fala do cacique Pirá, o mesmo que aparece nas imagens,

pois assim como outros membros de sua comunidade, também precisa dos benefícios que esses recursos trazem para o seu dia a dia, seja pra facilitar aspectos de sua vida particular ou para questões coletivas de seu povo.

Imagens 02 e 03: Cacique Pirá em sua casa e no espaço interno da escola usando o aparelho celular.



Fonte: Acervo de imagem, professora Imuinawa Assuriní, 2021.

A partir dos relatos de experiências tecnológicas do cacique Pirá, nota-se que mediante o protagonismo individual e coletivo dos povos indígenas, esses sujeitos longe de serem vítimas passivas das imposições culturais que historicamente lhe trazem apenas prejuízos, passam a ser vistos como participantes ativos desses processos, integrando elementos da cultura ocidental dando a eles significados próprios, utilizando-os para obtenção de ganhos nas novas situações vivenciadas (ALMEIDA, 2010, p. 22). Ao passo que,

Os povos indígenas acreditam que, tendo acesso adequado ao sistema tecnológico atual, poderão avançar no fortalecimento e na consolidação dos seus processos político-organizativos contemporâneos de comunicação, na revitalização e na proteção dos seus patrimônios culturais, na implementação de políticas de desenvolvimento sustentável e na possibilidade de recuperação da autonomia perdida em seus próprios territórios. Estes passam por novas formas de exploração equilibrada dos recursos naturais para os quais o acesso e o domínio de tecnologias modernas são imprescindíveis diante do modelo de sociedade em que estão hoje confinados. Acreditam que a tecnologia pode melhorar as condições de vida das pessoas, principalmente as dos povos indígenas, e estão encontrando interpretações próprias a partir de seus mitos ancestrais para se apropriarem, de forma adequada, dessas tecnologias como instrumentos de luta e defesa de direitos e de interesses rumo à recuperação de suas autonomias históricas (LUCIANO, 2006, p. 92-93).

Com isso, torna-se importante que as TICs não reproduzam a “prática colonialista”, perpetuada na história de contato das sociedades indígena, “Os índios não podem ser tratados como um mero expectador, mas deve também ser protagonista de suas histórias” (COSTA, 2010, p. 13). É necessário deixar para trás “a visão arcaica dualista que vê incompatibilidade entre tradição e modernidade”. Deve-se assim, “considerar os povos indígenas como “sujeitos coletivos”, ou seja, o princípio do protagonismo indígena, a partir do qual ninguém pode pensar e decidir por eles sobre qualquer coisa, a não ser eles mesmos” (LUCIANO, 2006, p. 90).

Aguilar (2012), ao analisar as características dos indígenas Kariri-Xocó (AL) e Pankararu (PE), sendo etnias inseridas no contexto das práticas informacionais, destaca suas semelhanças e diferenças, esta última marcada principalmente pelo contato com o branco. Logo, percebe-se que as diferenças não são uma barreira para interatividade entre essas etnias, os problemas imediatos em comum são entendidos como urgentes no que se refere à existência dos povos. Assim, através da interação por meio das ferramentas tecnológicas, nota-se a valorização da cultura como ferramenta de resistência, ao passo que possibilita a difusão de suas produções, práticas, costumes, suas culturas entre os demais povos indígenas e não indígenas. Como exemplo, a criação da “ciberoca”⁵ pelos Kariri e a utilização do “ponto de cultura”⁶ pelos Pankararu, são essenciais nesse processo⁷. Entretanto, mesmo com as dificuldades

5 A primeira experiência física de acesso físico à tecnologia dos Kariri-xocó aconteceu na ciberoca (telecentro por eles denominado assim).

6 Os Kariri criaram sua ciberoca e os Pankararus seu ponto de cultura, ambos com um enfoque principalmente cultural, de recuperação, criação, comunicação e difusão das suas histórias e do que acontece em suas terras.

7 Quando questionados se o ponto de cultura ou ciberoca seria útil em outras comunidades indígenas, todos concordaram que sim. Dentre as expressões utilizadas pelos indígenas para responderem a pergunta acima destacamos: “seria bom, interessante, de muita utilidade”, já que, segundo eles, as novas

iniciais de manuseio (que com o tempo foram sendo superadas), é perceptível a autonomia destes indígenas diante das novas tecnologias, assim como “as TICs seriam ainda, uma ferramenta de combate ao analfabetismo digital a disposição” (AGUILAR, 2012). Ao passo que,

“ambas etnias pertencem a rede Indios On line, participando de diversas formas, seja criando matérias, informando acontecimentos, criticando o governo, difundindo atividades culturais, seja tentando um dialogo o mais harmonioso possível com o branco, para demonstrar sua capacidade no uso das tecnologias e na criação de conhecimento... Eles também acreditam que o conhecimento digital permite-lhes mostrar o povo indígena como um povo civilizado. Isso porque tem em mente a concepção de que são vistos pelos brancos como povos atrasados, que vivem em um estado de anacronismo tecnológico e cultural” (AGUILAR, 2012. p.123).

Evidencia-se assim, o equívoco no que se refere a substituição das culturas/identidades tradicionais, percebido justamente pela possibilidade dessas populações utilizarem os recursos tecnológicos como ferramenta de resistência, de modo que podem adapta-los as suas necessidades, visto que tais tecnologias se constituem nos moldes da sociedade ocidental. Por esse motivo, não se pode excluir esses recursos, mas sim adaptá-los para que sejam utilizados como instrumentos benéficos para as comunidades, possibilitando a produção do mundo deles e divulga-lo para sociedade em geral (COSTA, 2010, p. 13). Logo, a

Eclosão de microliberdades indígenas, através do povoamento do território digital, realiza efeitos de pressão sobre uma cultura massiva que se quer universal e que compreende o “índio” como uma ideia romântica, geral e ligada á noção de atrasado intelectual, econômico e cultural. Esses movimentos de pressão são capazes de provocar uma “desterritorialização da maioria”, pois, ao mesmo tempo em que a experiência tecnossocial possibilita meios favoráveis a uma construção identitária dos sujeitos indígenas, também impulsiona uma desterritorialização da noção genérica do “índio” (FREIRE, LEITE, 2015, p. 23).

As novas TICs convertem-se em realidades presente em diversos espaços da sociedade, adentrando as comunidades tradicionais, como aldeias indígenas e povoações quilombolas, possibilitando um novo estilo de vida, novas formas de lazer, praticas culturais e processos educativos diante do fortalecimento de novos valores, permitindo a aproximação entre culturas e contribuindo para ampliação do conhecimento sobre o mundo no qual vivemos (PINTO, PROCÓPIO, 2018. p. 194). Por isto, “entrar e fazer

comunidades indígenas poderiam trocar informações, teriam um beneficio como obtiveram, fortalecendo sua identidade cultural.

parte da modernidade não significa abdicar de sua origem nem de suas tradições e modos de vida próprios, mas de uma interação consciente com outras culturas que leve à valorização de si mesmo” (LUCIANO, 2006, p. 40).

Portanto, associar novas tecnologias e povos indígenas, não só significa uma quebra de estereótipos, como também uma nova consciência coletiva que afirma a importância de se construir uma ponte, possibilitando novas formas de luta e resistência, por meio da reafirmação identitária em seu papel emancipatório no atual mundo globalizado que exige protagonismo diante do processo de extermínio que se estende desde o período colonial e que busca o desaparecimento dos povos originários e suas culturas. Sendo assim, no cotidiano da aldeia Trocará, percebe-se que os indígenas que habitam esta comunidade estão se inserindo cada vez mais no contexto das tecnologias digitais, ao passo que (re)existir tecnologicamente, digitalmente ou “*online*” tornou-se necessário e imediato.

CAPÍTULO II

OS ASSURINÍ DA ALDEIA TROCARÁ E AS TICS: FAMILIARIDADES E USO DAS REDES SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS

2.1. Descortinando o Lócus de Estudo: Histórias, Memórias e Vivências do Povo Assuriní da Aldeia Trocará

A Aldeia Indígena Trocará está localizada no município de Tucuuruí, nas margens esquerda do Rio Tocantins nas proximidades do Igarapé Trocará, a 35 km da cidade de Tucuuruí, nas margens da rodovia BR-422, conhecida como TransCameté PA-156, no estado do Pará, estrada essa que atravessa a reserva como podemos ver no mapa da Imagem 04. Atualmente a reserva Trocará é formada por quatro (04) aldeias: a Trocará que é a aldeia sede, a aldeia Ororitawa, a Oimotawara, e a aldeia Marawytawa. Percebe-se assim, a forma de organização da comunidade que, devido a extensão territorial da reserva, necessita que ocorra a divisão de tarefas e responsabilidades que são designadas a algumas lideranças da aldeia, sendo essa estratégia de organização importante para as articulações de pautas referentes as questões internas e externas da comunidade, o que facilita na tomada de decisões coletivas que buscam direitos e melhoria para a vida dos Assuriní:

“cada núcleo é gerenciado por um cacique, contudo, entre estes caciques há um cacique geral, também chamado de capitão, que o cacique Cajanguawa Assuriní, mais conhecido por Caju, que lidera todas as aldeias. Pois, é este cacique geral que detém o poder de decisão, que as demais lideranças indígenas põem em prática, devido dominarem a língua portuguesa, o que facilita as negociações com os não indígenas... Essa divisão assegura o território, pois as essas aldeias estão interligadas uma na outra e todos tem suas próprias lideranças, que juntas através de suas lideranças vivem constantemente engajados nas lutas de reivindicações em busca de direitos para os Assuriní ” (NUNES, 2017, p. 57-58)

fazer uma análise a partir da fala do Cacique Puraké Assuriní e por meio do estudo das pesquisas dos antropólogos Roque de Barros Laraia e Roberto Augusto da Matta, Ribeiro aponta quais foram as estratégias para que o contato e o diálogo com o SPI tivessem êxito, destacando as primeiras motivações, que fizeram com que os Assuriní permanecessem e fixassem-se na região. Logo, percebendo o papel da criança como intermediária das relações entre os agentes dos SPI e os indígenas, mostrando também como a abundância de alimentos na região foi fundamental para a decisão (RIBEIRO, 2017). Entretanto, esse contato trouxe muitas consequências negativas para os indígenas Assuriní, como exemplo, o contágio de doenças que gerou grande mortalidade entre eles:

uma das formas utilizadas pelos representantes desse órgão para que tais povos permanecessem no local era por meio das crianças, preferindo que elas ficassem junto a eles. Pois, se as crianças não fossem embora os mais velhos também viriam e conseqüentemente se fixariam junto a elas e assim aconteceu. Quanto mais indígenas iam chegando eram usadas novas estratégias para que permanecessem no local, como por exemplo, construir roças de mandioca, milho, entre outros alimentos fazendo com que os Assuriní se estabelecessem na região e segundo o professor Waremoa Assuriní viviam muito bem com fartura de alimentos... Como enfatiza Laraia, as consequências desse primeiro contato entre os Assuriní e regionais resultou em sérios danos aos indígenas Assuriní, pois logo no primeiro ano que estabeleceram contato, cerca de 50 indígenas haviam morrido de gripe ou diarreia. E após essa epidemia, a maioria dos indígenas voltou para floresta permanecendo no Local apenas um grupo dos dois que chegaram ao Trocará. Em 1962 cerca de 30 indígenas regressaram ao Trocará, mas novamente a epidemia assolou seu grupo sobrevivendo apenas 14 indígenas (RIBEIRO, 2014, p. 49-50).

Nesse sentido, o decréscimo populacional apontando pelos antropólogos Da Matta e Laraia (1965), em suas previsões que resultava da conclusão de que com essa realidade vivenciada pelos Assuriní, estes estariam fadados à extinção, pois a única saída seria a integração com a população não indígena da região, não havendo assim, condições destes “continuarem como grupo indígena, se não aceitavam a integração com a população local que seria a sua única chance de sobrevivência, não restava alternativa que não fosse à extinção ou sua marginalização” (MATTA e Laraia, 1965 apud RIBEIRO, 2014, p. 50).

Apesar da previsão de desaparecimento da etnia Assuriní apontada pelos antropólogos, esse povo resistiu ao processo de extinção, conforme apontam estudos mais recentes, como da pesquisadora M. Gorete Procópio (2012), que traz informações de lideranças dessa população indígena que diferem das afirmações feitas por Da Matta

e Laraia, visto que ao buscar entender as origens dos indígenas na região, tece análises a partir dos relatos do Cacique Puraké Assurini, afirmando que a quantidade de indígenas era muito maior do que apontava os estudos desses dois pesquisadores, dando a entender que o número de Assurini que viviam pelas matas da região era bem maior. Segundo narra o Cacique Puraké, época dos estudos desses antropólogos, eram mais de 200 indígenas Assuriní que viviam nas matas, nas proximidades do rio Trocará, Município de Tucuruí. “Portanto, a trajetória histórica desse povo assemelha com de muitos de seus parentes que durante muitos anos foram marcados pelo processo de extinção” (PROCÓPIO, 2012, p. 34).

Percebemos assim, que o processo de escrita da história da origem do povo Assuriní foi se modificando ao longo do tempo, pois, a partir dos relatos orais do líder Puraké, destacados nos estudos de Procópio (2012), foi possível perceber que a trajetória de origem, existência e resistência desse povo se deu e continua dando-se de diferentes formas. Logo, “As palavras do cacique Purakê e dos demais moradores da comunidade Assuriní ganham grande significado, pois o povo Assurini, longe de estar fadado ao extermínio, conforme, afirmaram Da Matta e Laraia (1978), vem se multiplicando a cada dia” (PROCÓPIO, 2012, p. 35).

A reserva Trocará tem aproximadamente 21.722,5139 km, números mais recentes contabilizam a existência de em torno de 700 indígenas Assuriní, em sua maioria crianças, “que circulam por todo esse território sempre em grupos, brincando cantando e ouvindo, os mais velhos, os jovens e interagindo entre si” (NUNES, 2017, p. 59). De acordo com Nunes (2017), a taxa de natalidade cresceu muito no decorrer do tempo na comunidade, fato que já está deixando os Assuriní preocupados, devido às incertezas das condições futuras, se preocupam inclusive com a escassez de alimentos que pode prejudicar a sobrevivência desse povo. Por isso, já há especulação de um possível controle de natalidade, um fator que gera grande impasse entre as mulheres e os homens, pais de famílias, pois estes em grande maioria preferem manter o modo tradicional de nascimento e constituírem grandes famílias sem que ocorra interferência dos métodos de controle utilizados pelos não indígenas.

“O número de crianças aumentou tanto na aldeia Trocará, a ponto de preocupar as lideranças indígenas, temerosas pela escassez de alimentos, que poderá futuramente atingir esta população indígena. Dizem que em outros tempos, temerosos pela extinção incentivam os nascimentos, atualmente se preocupam em controlar a natalidade. Mas para isso há certos entrevas, pois, embora o posto de saúde forneça anticoncepcionais, há rejeição por parte da

maioria dos homens que querem família numerosa, com muitos filhos, enquanto as mulheres preferem ter em média de um a dois filhos, daí entrarem em conflito com seus companheiros, pois, além buscarem autonomia do seu corpo, também se preocupam com o bem-estar dos filhos, querem amenizar as dificuldades que enfrentam no dia-a-dia” (NUNES, 2017, p. 59).

Segundo as análises de Nunes, o povo Assuriní do Trocará vem no decorrer do tempo travando uma luta constante pela sua sobrevivência, o avanço da sociedade envolvente com seus projetos de desenvolvimento econômico, fez com que a etnia Assuruní fosse diretamente atingida devido às construções que buscavam o “desenvolvimento da região Tocantina”, sofrendo assim, “inúmeras mazelas, principalmente, com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, que ocasionou a inundação da área que habitavam na beira do Rio Tocantins, onde a sobrevivência da pesca, da caça e da coleta de frutos” (NUNES, 2017, p. 62). Percebe-se assim, os efeitos desse “desenvolvimento” no dia a dia desse povo, que trouxe inúmeras mudanças em vários aspectos e costumes da vida diária, como exemplo, a mudança de hábitos alimentares, por conta do deslocamento territorial das margens do rio, passando a vivenciar uma nova realidade, diferente de “quando viviam as margens do Tocantins, estes indígenas dizem que tinham abundância de alimentos, como peixe, carne de caças e muitos frutos” (NUNES, 2017, p. 62).

No mesmo sentido, Barros (2020) enfatiza que,

“a luta das famílias indígenas do Trocará, assim como a forma de organizar-se socialmente, não param, pois, o forte da alimentação desta população sempre veio da agricultura, da pesca, da caça e das plantas e frutos colhidos da natureza. Nos dias de hoje, conforme dizem, já não se caça e não se pesca como antes, os desmatamentos no entorno da aldeia provocaram desequilíbrios ecológicos, que comprometeram a fauna e a flora da região” (BARROS, 2020, p. 32).

Por outro lado, Ribeiro (2017) ressalta que a caminhada histórica do povo Assuruní é marcada por muitas conquistas, como exemplo, a chegada da escola Warara’awa Assuriní, obra estadual inaugurada na aldeia Trocará em 2011, que significou um grande marco no processo de educação formal da comunidade, tornando-se “um dos símbolos de sua luta e persistência” ainda que “haja inúmeras críticas no que diz respeito à educação destinada aos Assuriní” (RIBEIRO, 2017, p. 58). Com isso, percebe-se que a entrada da escola na aldeia inicialmente enfrentou e ainda enfrenta algumas dificuldades pelo fato de ter que se adaptar ao contexto dessa etnia. Ribeiro (2017), menciona que ocorrem falhas no que se refere ao currículo que vem da

Secretaria Municipal de Educação de Tucuruí, chegando a escola de maneira descontextualizada, apresentando incompatibilidade diante das especificidades da cultura Assuriní, pois,

“muitos dos professores não indígenas que atuam nesta escola, não levam em consideração a realidade desse povo, oferecendo um ensino baseado no currículo da secretaria municipal de educação, direcionado aos não indígenas, não havendo primeiramente uma formação Inter étnica que aborde as especificidades e realidade existente nesta aldeia. Tal questão se agrava ainda mais devido as constantes mudanças de professores que atuam dentro da aldeia, por novos que adentraram esse espaço sem nenhum conhecimento prévio. Vistos que os antigos professores já tinham começado a conhecer a cultura Assuriní, se adaptando aos valores, hábitos e costumes existentes entre este povo, assim como, suas presenças já eram aceitas pelo indígenas. Porém, devido o concurso público realizado no ano de 2014 no município de Tucuruí, a maioria dos antigos professores que lecionava na escola da aldeia, devido não terem sido aprovados neste concurso, foram dispensados, para que os concursados ocupassem o cargo. Esta ação provocou revolta entre os Assuriní e desestabilizou o ensino, haja vista, que já começava a estabelecer uma relação com os antigos professores, sendo este fato motivos de recorrentes reclamações dos moradores da Aldeia Trocará contra a Secretaria Municipal de Educação de Tucuruí” (RIBEIRO, 2017, p. 58-59).

Contudo, embora existam problemas que envolvem as questões curriculares e outros obstáculos presentes na escola, no que se refere a cultura Assuriní, não se pode negar o papel fundamental que esta escola ocupa na vida da comunidade, sendo “vista e exibida como uma vitória conquistada por eles, através de suas reivindicações e a persistência. Aliás, esta foi uma das primeiras etnias da região a conseguir um prédio escolar adequado” (RIBEIRO, 2017, p. 59).

Sendo assim, o povo Assuriní da reserva Trocará são atuantes e participativos nos processos culturais, políticos e econômicos que vivenciam em seu contexto, vindos de um passado que exigiu com que fossem adotadas por eles estratégias de sobrevivência diante do processo globalizante homogeneizador, uma vez que vivem em um território que é “palco onde atua vários sujeitos, que juntos lutam a cada dia pela sua sobrevivência, sua cultura e pela sua afirmação étnica” (NUNES, 2017, p. 53). Portanto, são sujeitos atuais que “protagonizam a construção da sua identidade, uma história de luta e resistência pela sobrevivência de seu povo... pois traçam táticas e estratégias de fuga contra a hegemonia vigente” (BARROS, 2020, p. 26).

Nas afirmações de Barros e Pinto (2021), é graças às lutas dos Assuriní do Trocará, através de suas lideranças, que esse povo possui atualmente uma melhor infraestrutura. Desta forma, a busca por afirmação de sua identidade provém de lutas travadas historicamente, e apesar de muitas conquistas e direitos legitimados, os

Assurini da aldeia Trocará lutam arduamente, como por exemplo, contra decisões de um presidente que a todo momento incita a violência, o preconceito e a marginalização dos povos indígenas. E assim, resistem a esse sistema opressor, através das suas práticas culturais e seus costumes, mesmo diante da violência que sofrem e a tentativa de extermínio de seus povos, das mudanças e transformações que o mundo está vivendo (BARROS e PINTO, 2021).

2.2 Do contato ao domínio: analisando experiências tecnológicas e digitais dos Assuriní do Trocará

As formas que se dá a inserção e a apreensão das tecnologias de informação e comunicação pelos indígenas de muitas comunidades que se encontram espalhadas pelo território brasileiro e pelo mundo, são diversas e envolvem questões específicas. Sendo assim, é importante entender de que maneira as TICs penetram nas aldeias e de quais formas elas são utilizadas ou não pelos indígenas, com isso, compreender os desdobramentos em questão. Nessa perspectiva, Aguilar (2012) analisando a realidade e especificidades dos Pankararu (PE) e Kariri-xocó (AL), ao questionar sobre o significado das TICs e que espaços ocupam na vida destas etnias indígenas, enfatiza que,

foram muito parecidos os depoimentos sobre o que era para cada um as tecnologias de computação ou Internet. As TIC foram associadas à funções/processos: como aprendizado, comunicação, evolução, participação e progresso. A menção de ser uma arma, meio de defesa, também foi um elemento comum. Por meio dela pode-se mostrar a própria cultura; contudo, precisa ser conhecida e dominada para fazer frente ao mercado laboral, uma arma digital de resistência, conhecimento e preservação cultural. Os grandes temas em comum foram Informação e Conhecimento. As diferenças semânticas que podemos detectar foram em nível mais macro ou micro. Para os Pankararus, as TIC são caminhos que levam a uma globalização, índios globalizados. Enquanto que, para os Kariri-xocó as TIC são uma fonte de informação, um dicionário enorme de informações e uma biblioteca de pesquisas... Ambas as comunidades em geral qualificaram as TIC como um espaço muito importante e de ajuda em suas vidas, contribuindo no processo de aprendizado/estudo, no apoio ao trabalho escolar, como a constituição de fonte de pesquisa, de apoio ao trabalho de docência, como fonte informativa que os beneficia mostrando o que acontece no mundo, um meio de socialização e ainda como instrumento prático, como citaram o uso para o cadastramento do CPF (AGUILAR, 2012, p.123).

Entre os Assuriní da aldeia Trocará, conforme podemos observar a partir da fala do professor indígena, Waremoa Assuriní (Peppe Assuriní), 37 anos, que o acesso as

TICs no contexto da reserva indígena Trocará teve início na sede da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), o qual possuía um transformador de energia, sendo somente possível ter os primeiros contatos com os eletrônicos por conta do computador e televisão existente nesse espaço. Apenas após a abertura do ramal que liga a reserva a estrada de chão até a TransCametá-Tucuruí a energia elétrica chegou nas aldeias da reserva Trocará, iniciando assim a introdução dos aparelhos eletrônicos na vida da comunidade, de forma individual e a partir de ações do governo:

O governo, ele disponibilizou pra escola, o laboratório de informática com equipamento de 10 computadores dentro do laboratório, né? Pra facilitar o acesso, só que assim, outros meios de comunicação como no caso celular, televisão, foi tudo assim; pessoas que vendiam seus produtos, né? Pegavam o dinheiro e compravam esses eletrônicos pra dentro da aldeia, entendeu? Até porque tinha energia, né? Aí, foram comprando televisão, celular e computador, entendeu? Tablet essas coisas (Professor Waremoa Assuriní, 37 anos, em 16/11/2019).

Da mesma forma, a professora Imuinawa Assuriní, discente do curso de licenciatura intercultural da UEPA, fala sobre suas primeiras experiências de contato com as tecnologias, assim como os benefícios das ferramentas e funções que estas exercem em sua vida pessoal, profissional e acadêmica, como também suas limitações de utilização e manuseio:

A partir de quando eu entrei na faculdade, desde criança assim não tive contato, né? Aí depois que eu entrei na faculdade 2016, já foi estudando pegando experiência científica, né? Aí comecei é ter assim contato com a tecnologia, é... televisão, por exemplo, eu tenho na minha casa televisão, né? A televisão é importante porque a gente vê os acontecimentos, celular também eu tenho, mas eu não tenho assim é *whatsapp*. Assim só para ligação, né? Direto assim mensagem, mas ainda não tenho esse contato *whatsapp*, *face*, e-mail ainda não tenho esse contato... A televisão eu tenho, né? Mas assim celular ainda é muito novo para mim, né? É por isso que eu não tenho esse *whatsapp*, é porque ainda é muito novo para mim... Também não cheguei a mexer no computador também, pra dominar (Professora Imuinawa Assuriní, 41 anos, em 17/11/2019).

Observa-se que o contato dos indígenas Assuriní com a cidade, como no caso da professora Imuinawa, intensificado pela universidade, possibilitou experiências tecnológicas mais amplas, que caminharam junto com a prática discente por ela vivenciada fora de sua comunidade. Sobre a apreensão das TICs internamente a sua aldeia, destaca a televisão sendo um importante veículo de informação, assim como o celular, por facilitar a comunicação, utilizando este apenas para fazer ligação e revelando que ainda está em processo inicial de dominação das ferramentas digitais que

os aparelhos tecnológicos como o celular e computador oferecem, a exemplo das redes sociais, afirmando que o “celular ainda é muito novo para mim, né? É por isso que eu não tenho esse *WhatsApp*, é porque ainda é muito novo para mim... Também não cheguei a mexer no computador também, pra dominar”.

Nas imagens 05 e 06, vemos o cacique Pirá Assuriní utilizando o computador, este também ainda domina pouco as funções aparelho, utilizando apenas em casos de necessidade conforme ele próprio afirma mais a frente, pois como liderança precisa em alguns momentos fazer uso para resolver pautas da comunidade, seja no espaço da escola Warara´awa Assuriní ou em espaços externos a aldeia, como na sede da FUNAI, que quando solicitado, precisa se deslocar dentro ou para fora da reserva, com isso, aos poucos vai interagindo com os eletrônicos e seus recursos.

Imagens 05 e 06: Pirá Assuriní utilizando o computador na sede da Funai e na escola Warara`awa Assuriní.



Fonte: Acervo de imagem, professora Imuinawa Assuriní, 2021.

Com isso, percebe-se que o processo de inserção e adaptação entre as tecnologias informacionais dos indígenas Assuriní se dá de forma específica para cada pessoa, pois depende das particularidades de suas experiências, necessitando de um contato mais frequente da comunidade em geral para que se possa dominar as amplas funções disponíveis e usa-las como ferramentas que cada vez mais facilitam o dia a dia, como foi possível perceber nos relatos da professora Imuinawa Assuriní e nas experiências do cacique Pirá.

No bojo dos programas e ações que contribuem para a utilização das TICs conectadas as realidades das etnias indígenas, destacam-se projetos de inclusão digital promovido por ONGs, instituições governamentais e não governamentais que possibilitam algumas comunidades indígenas manusearem as ferramentas disponíveis por essas tecnologias, em prol de benefícios individuais e coletivos, o que é percebido no contexto dos Bororos da aldeia Meruri (MT), Guaraní de Krukutu e Tekoá Pyaú (SP) e Pari-cachoeira (AM):

Pontos de cultura nas aldeias indígenas guaranis de Krukutu e Tekoá Pyaú, em São Paulo, e na bororo Meruri começaram a funcionar no fim de 2006 com o apoio do MinC, que disponibilizou os equipamentos multimídia. Os jovens bororos e guaranis estão recebendo oficinas de capacitação digital em produção, edição e finalização de vídeo no Centro de Educação e Cultura Indígena, projeto administrado pela ONG Instituto das Tradições Indígenas (Ideti) em convênio com as secretarias de educação locais. O resultado será distribuído às outras aldeias, com fins de integração entre elas, além de gerar, junto com o artesanato, renda para a comunidade... Para o índio Oséas Ramos Marinho, da aldeia de Pari-cachoeira, a inclusão digital dos índios é uma forma de poder lutar com os brancos usando a arma que eles usam. “Muitos jovens saem de casa para ir atrás de estudos e oportunidades de emprego. Agora essa oportunidade está na própria aldeia, garante Oséas... No bojo de todos esses projetos está a intenção de que os jovens indígenas tenham acesso à tecnologia digital e a internet e, por intermédio das TICs, possam contar a sua história. Na linha da preservação dos valores, o que mais atrai os índios é poder manter viva sua cultura armazenando registros no idioma nativo, arquivando e registrando mitos, lendas e os conhecimentos ancestrais” (UNESCO, 2008, p. 1-3).

Nota-se também que tal inserção se faz presente na educação escolar destas comunidades, pois, a partir de 2006, professores indígenas foram treinados por meio de cursos básicos e oficinas de informática tendo “por objetivo ensinar o manejo dos equipamentos de informática, do computador ao escâner e à internet, abrir novos campos de pesquisa e ajudar na confecção de materiais didáticos” (UNESCO, 2008).

Nesse sentido, a partir da utilização das TICs pelos professores no contexto educacional da prática docente do povo Assuriní, verifica-se que estes possuem a tarefa

de buscar novas metodologias de ensino-aprendizagem que possibilitem o dinamismo em seu trabalho dentro do contexto em que atuam, considerando sua realidade e as transformações políticas e sociais que vem sendo colocadas na atualidade. Com isso, a apropriação das TICs pelos professores indígenas na educação formal dos Assuriní, permite novas formas de transmissão de conhecimento (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 194). O que pode ser retratado na avaliação que faz o professor Waremoa Assuriní:

Nós enquanto professor, a gente avalia da seguinte forma; os produtos eletrônicos que são utilizados dentro da aldeia tem que servir de acordo com a nossa realidade, né? Se eu faço um trabalho relacionado a minha cultura, eu tenho que mostrar pra eles; vídeos, eu mostro vídeos da dança, eu mostro vídeo ensinando ali a escrever em Assuriní, né? São meios que a gente pode tá utilizando dentro da sala de aula, por meio desses aparelho eletrônico, entendeu?... Eu tenho que pesquisar conteúdo para mim passar pros alunos, muita das vezes tenho que me comunicar com outros professores indígenas pra ter ideia de como é que eu faço o planejamento de aula , né? (Professor Waremoa Assuriní, 37 anos, em 16/11/2019).

Para o professor Waremoa, existem muitos benefícios na utilização das TICs, pois, seus recursos facilitam seu trabalho dentro da sala de aula, fazendo uso para divulgação de conteúdos audiovisuais didáticos como forma de despertar o interesse dos alunos Assuriní, os aproximando de novos meios de ensino que favorecem o seu aprendizado. Observamos assim, a familiaridade do professor com as tecnologias e logo sua preocupação com questões culturais e identitárias, reveladas pela forma diferenciada de trabalhar os conteúdos referentes as práticas culturais de seu povo, recorrendo aos eletrônicos como ferramenta para construção de materiais didáticos e utilizando deles também para manter contato com outros professores indígenas, pedindo orientações ou tirando dúvidas que contribuem para o aprimoramento de sua prática docente.

Em vista disso, as novas tecnologias refletem sobretudo na sala de aula, uma vez que além de proporcionarem novas metodologias no processo educativo, “contribuem para a inclusão digital e social das comunidades indígenas às quais os alunos pertencem, pois facilitam a divulgação da cultura destes povos e possibilita que eles estreitem suas relações com o mundo fora das aldeias” (ALVES, 2015, p. 100). Com isso, as TICs apresentam-se como “um novo instrumento didático que pode possibilitar a aprendizagem de maneira interativa no cotidiano do espaço escolar, principalmente através da cultura de um povo, como foi possível perceber entre os Assuriní” (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 196).

Por outro lado, as novas TICs estão presentes também para além do espaço escolar, passando serem utilizadas como forma de lazer e passa tempo pela juventude Assuriní, assim como fazem uso destas para articulações de pautas referentes ao contexto da juventude indígena, o que pode ser observado na fala do Jovem Piraunia Assuriní, 17 anos:

Quando nós não tá fazendo nada assim, aí vamos pra um lugar que pega assim a área, né? De *internet*, aí nós sai, nós não tá fazendo nada, nós vamos na casa do menino ou menina e pergunta pra ela o que ela tá fazendo; ela fala que nada, aí convida pra mexer junto com elas, aí vai lá e fica lá mexendo no celular até... até a noite, depois que enjoar volta de novo, aí se a noite não tá fazendo nada, volta de novo. Chega na hora de dormir, aí volta pra casa... Lá na aldeia criaram um grupo que dá pra se comunicar com outras etnias, porque tá rolando lá um negócio de grupo de jovens, aí fizeram um grupo pra se comunicar: como é que tá assim, na outra aldeia? Como é que vai ser? É assim, as vezes lá na aldeia mesmo fica distante, aí se comunica lá mesmo, de uma aldeia pra outra aldeia, mas dentro da nossa reserva, ou da outra etnia que tem também, pra eles avisar pra gente dá uma volta lá, pra gente ficar sabendo logo... As vezes outras etnias vai pra reunião assim, fora. Aí cada etnia começa a avisar o outro, a vezes avisa nós: vai ter reunião em tal lugar, pra resolver uma coisa da comunidade assim. O celular ele é isso, pra gente ficar sabendo, né? Essas coisa que esses branco faz pra se comunicar com o outro, tem evento num lugar aí avisa pelo celular, a pessoa já fica sabendo assim (Piraunia Assuriní, 17 anos, em 17/11/2019).

Percebemos assim, por meio das experiências tecnológicas dos jovens Assuriní, como se dá a dinâmica dentro da aldeia na utilização do aparelho celular e da *internet*, onde em muitos momentos fazem uso dos recursos como forma de entretenimento, destinando parte do dia para se reunirem com outros jovens para “mexerem juntos”, interagindo entre si por meio do contato pessoal e também por meio das redes sociais, que permite que eles se comuniquem com jovens da sua própria comunidade e com jovens de outras etnias, pois “as vezes lá na aldeia mesmo fica distante, aí se comunica lá mesmo, de uma aldeia pra outra aldeia, mas dentro da nossa reserva, ou da outra etnia que tem também” afirma o jovem. Tal contato amplia cada vez mais as formas de interação entre eles, que além de utilizarem o aparelho celular e as redes sociais para entretenimento, estendem as relações de sociabilidade entre a juventude indígena, interna e externamente a aldeia. Em relação a articulação para debaterem problemas existentes, o jovem Piraunia afirma que algumas vezes “outras etnias vai pra reunião assim, fora. Aí cada etnia começa a avisar o outro, as vezes avisa nós: vai ter reunião em tal lugar, pra resolver uma coisa da comunidade”.

Nas imagens 07 e 08 a seguir, observamos alguns jovens utilizando o aparelho celular em conjunto no espaço livre da aldeia, prática essa que se torna comum no dia a

dia dos mesmos, pois cada vez mais estão exercendo funções a partir desses recursos que até pouco tempo eram desconhecidas, mas que agora passam ter a possibilidade de ampliar suas ações com as novas formas de comunicação e informação que avançam com rapidez na comunidade.

Imagens 07 e 08: Jovens Assuriní na aldeia usando em conjunto o aparelho celular.



Fonte: Acervo de imagem, Sumiká Assuriní, 2021.

Com isso, nota-se a preocupação dos jovens com pautas da comunidade, ao perceberem as TICs como aliadas no fortalecimento político/cultural e que está presente entre eles em grande proporção, propiciando cada vez mais novas experiências que contribuem para ampliação das formas de lidar com o mundo moderno, dialogando com elementos tradicionais do modo de vida Assuriní. Desse modo, os novos meios de comunicação que por muito tempo foram e continuam sendo vistos por grande parte da sociedade como “propriedade” dos não indígenas, estão presentes no dia a dia dos Assuriní, tornando-se necessário se apropriar dessas “coisas que esses branco faz pra se comunicar com o outro”, como bem defende o jovem Piraunia Assuriní.

Observa-se, portanto, no contexto da juventude Assuriní, que os recursos que esses têm acesso se tornam uma importante ferramenta para o fortalecimento identitário,

pois, apropriam-se destes em detrimento de benefícios para seus modos de vida, tendo a comunicação um papel estratégico. Visto que, para a atual geração de jovens indígenas, não se pode “viver a modernidade sem uma referência identitária, já que permaneceria o vazio interior diante da vida frenética aparentemente homogeneizadora e globalizadora, mas na qual subjazem profundas contradições, como a das identidades individuais e coletivas” (LUCIANO, 2006, p. 40).

Alex Makuxi Santos (2011), ao analisar a luta e resistência em seu significado político-cultural no contexto das práticas informacionais dos povos indígenas, destaca o portal do “índio on-line” com seu papel integracionista entre as populações indígenas, visto como um ponto de cultura que permite a ampliação e fortalece a articulação entre as populações indígenas, possibilitando assim, autonomia e protagonismo diante dos benefícios adquiridos por meio das TICs, seja de interesse individual ou coletivo. Dessa forma, o portal Índios *On-line* e seus remanescentes pontos de cultura no contexto das comunidades indígenas de Roraima tinham em sua administração apenas um gestor por aldeia, mas devido crescimento do *site* foi necessário que a coordenação fosse compartilhada, o que representou mais o modo de vida indígena em seu sentido de coletividade. Logo,

O Ponto de Cultura Índios On-Line, através do portal www.indiosonline.org.br gerou a Rede de Articulação Indígena, que é uma rede autônoma, que divulga e agrega varias realizações do movimento indígena, se constituindo em um espaço de luta política por seus direitos. É importante destacar aqui que dentre os objetivos das redes estão: Facilitar o acesso à informação e comunicação para diferentes nações indígenas, estimular o dialogo intercultural. Promover aos próprios índios pesquisarem e estudarem as culturas indígenas. Resgatar, preservar, atualizar, valorizar e projetar as culturas indígenas. Promover o respeito pelas diferenças. Conhecer e refletir sobre o índio de hoje. Salvar os bens imateriais mais antigos desta terra Brasil. Disponibilizar na internet arquivos (textos, fotos, vídeos) sobre os índios nordestinos para o Brasil e o Mundo. Complementar e enriquecer os processos de educação escolar diferenciada multicultural indígena. Qualificar índios de diferentes etnias para garantir melhor seus direitos... Observa-se que ser um índio on-line, era ser um índio conectado na aldeia, atualmente com a gestão compartilhada ser índio on-line, é está conectado em escolas, em lan houses, em laboratórios de universidades. O que concretiza o portal índios on-line como um movimento social, é o fato de nele ser expostas manifestações feitas pelos próprios indígenas, e solidariza com vários outros povos, que recebe apoio e outras formas de manifestação (SANTOS, 2011, p. 6-7).

Sobre o mesmo foco, destaca-se o site Associação dos Jovens Indigenas-AJ, possuindo papel importante para o fortalecimento político/cultural, ao passo que coloca os indígenas como protagonistas desse processo, que caminhando junto com as demais

plataformas digitais e, por meio da ajuda essencial da *internet*, contribuem para “divulgação, denúncias, promove a inclusão social, a integração e a socialização entre eles de vários conteúdos e assuntos” (SANTOS, 2011).

Percebe-se que a inserção das TICs no contexto das comunidades indígenas, seja por meio de programas governamentais ou não governamentais permitem a inclusão dessas populações para com elas mesmas, as dando novas possibilidades diante das necessidades que se apresentam, trazendo benefícios para seus modos de vidas. Permitindo que esses sujeitos adquiram autonomia no processo de utilização das novas tecnologias e através do diálogo com as mesmas, tornem se protagonistas de novas ações. Visto que, “desde o surgimento da Sociedade da Informação, os povos indígenas estão mais atentos à nova realidade tecnológica, pois tem um papel estratégico no acesso e na criação de conteúdos próprios” (AGUILAR, 2012. p.122). Por outro lado, segundo afirma Luciano (2006),

o acesso a recursos tecnológicos tem servido como moeda de troca para comprar a consciência “ingênua” das comunidades indígenas em favor de objetivos alheios e contrários aos seus direitos e interesses. Entre os povos indígenas há sempre o risco de superestimar a relevância das tecnologias, como se fossem os novos e infalíveis salvadores da pátria, em detrimento de técnicas, habilidades e conhecimentos próprios (tradicionais ou não). As novas tecnologias, longe de serem por si só as salvadoras de todos os problemas dos homens modernos, bem que poderiam trazer grande contribuição para a solução de muitos problemas enfrentados pelos povos indígenas (LUCIANO, 2006, p. 90).

Portanto, os sujeitos indígenas não estão apenas restritos a plateia como espectadores, mas sim como participantes ativos dos processos tecnológicos em que foram inseridos e que estão se inserindo cada vez mais, tornado se protagonistas de um novo momento e não renunciando ao espaço sociodigital que historicamente lhe foi negado, entendendo sua posição e interferindo em uma realidade que antes era desconhecida.

2.3. Inclusão tecnológica digital: experiências, impactos, dificuldades e desafios

De acordo com Pereira (2007), a partir inserção da presença nativa no espaço digital, foi possível a ampliação de ações no que tange o fortalecimento identitário e cultural, por meio dos novos recursos digitais de comunicação e informação. Neste passo, nota-se que:

Com a apropriação da linguagem e com a interação dos espaços de fluxos informativos, as subjetividades tornam-se ativas e dinâmicas, onde a fluidez da comunicação digital promove a desterritorialização, a visibilidade de saberes e culturas e a interculturalidade, pois existe no ciberespaço uma potencialidade de promoção de diálogo entre culturas de forma mais horizontal e direta. Podemos observar que ao mesmo tempo em que os índios estão interagindo com as novas tecnologias comunicativas eles refletem sobre a sua experiência, como ação intrínseca à dinâmica da sua própria cultura. A ação comunicativa na rede digital tem resultados no modo em que são vistos pela sociedade não indígena e no modo em que eles se vêem e se (re)constróem na rede. Entende-se como uma condição extremamente rica e criativa de manipulação de elementos diacríticos étnicos voltados para o reconhecimento de uma diferença construída sob aspectos de uma indianidade (PEREIRA, 2007, p. 12).

Ainda nas análises do escritor indígena Alex Makuxi Santos (2011), em seu artigo intitulado “Inclusão digital e comunidades indígenas: a internet como parceira”, este autor ao buscar compreender de que forma se dá a apropriação das tecnologias de comunicação em contexto indígena, que no advento da *internet*, são usadas como ferramenta de integração virtual entre populações de diferentes lugares do território nacional e internacional, faz uma abordagem na perspectiva da “interculturalidade no sentido de inclusão digital” (SANTOS, 2011).

Nesse sentido, a partir da implantação das TICs nas comunidades indígenas de Roraima, nota-se as dificuldades, os benefícios e os malefícios que essa inserção causa nos modos de vidas desses sujeitos. Observa-se assim, as dificuldades iniciais de contato e manuseio, que se materializava apenas em casos de exceção, “somente no final da década de 90 é que esse contato se torna mais frequente, diante da necessidade de locomoção dos indígenas para cidade de Boa Vista para concluir o ensino médio” (SANTOS, 2011), o que proporcionou a possibilidade de adaptação com as TICs. A partir disso, ressalta-se que por meio da implantação de programas do governo, foi possível o acesso à *internet* dentro das comunidades, tornando esse contato mais frequente em suas realidades.

Costa (2010) ao analisar como se dá as relações entre os indígenas da comunidade Suruí-Aikewará (PA) e as tecnologias de informação e comunicação, procura compreender os impactos das mídias sociais na vida dos indígenas que compõem esta comunidade, assim como suas relações internas e externamente a aldeia a partir do uso das ferramentas do mundo digital, com isso, reflete “preliminarmente sobre os impactos do mundo tecnológico na vida dos Suruí-Aikewára e o ressignificado dado pelos índios nas suas relações de sociabilidade” (COSTA, 2010). Afirmando que,

A mídia tem um papel central já que as pessoas necessitam do seu discurso para que possam construir o sentido social da realidade. E não é diferente com a comunidade indígena Suruí que passa a compreender como importante ter sua história e tradição serem narradas pelos diversos meios de comunicação (COSTA, 2010, p. 6).

Podemos assim, destacar o papel do uso das redes sociais e outras plataformas digitais como ferramentas importantes para o fortalecimento da luta, com a criação de sites e comunidades administradas pelos próprios indígenas, usados como instrumentos de resistência que, a partir desse exercício, esses movimentos foram se ampliando e ganhando força e espaço a níveis nacional e internacional. Visto que,

Em meio a tantas ingenuidades da internet, surge como parceiro dos povos indígenas, as redes sociais. Em um contexto, em que os povos tradicionais se encontravam aflitos pela questão da Terra, onde em todo o Brasil, esses povos passam sérias dificuldades, inclusive sendo massacrados pela Mídia Nacional, e Locais. os povos indígenas passaram a usar as redes sociais como *Orkut*, *facebook*, *badoo*, *MSN*, *Sonico* e outros para fazer uma ponte intercultural. Nesse sentido cria-se uma rede de integração do povos indígenas. Entre as redes sociais, surgem o que a no meio eletrônico e virtual o que chamamos de “Comunidades” e “Campanhas, muitas vezes pra dar visibilidade aos mesmos... As redes sociais, além de serem como o próprio nome diz sociais, passaram a ser para os povos indígenas movimento de resistências. Eles têm aumentado muito nos últimos anos devido principalmente, a dasassistência do Governo junto aos povos indígenas (SANTOS, 2011, p. 4-5).

Ressalta-se, portanto, que o uso das redes sociais e outros *sites* tornaram se essenciais no dia a dia dos povos indígenas. Para o professor Waremoa Assuriní, estar presente nesses espaços é importante, pois ajuda a resolver questões pessoais do dia a dia, problemáticas que afetam a realidade de sua comunidade e contribuem no fortalecimento da luta, assim como também faz usos destas para interação com parentes de outras etnias próximas, com pessoas indígenas e não indígenas do Brasil e do mundo:

Facilita muito, né? Porque às vezes quando a gente tem uma problemática a ser resolvido ou na prefeitura ou no órgão competente que possa tá nos assessorando digamos assim, a gente tem esse meio pra poder facilitar as coisas, né? No caso *Facebook*, se tiver algum movimento social envolvendo os indígenas, né? A gente logo posta pro pessoal ver, pro outros indígenas verem também, né? E já começar a nos apoiar também nesse sentido. E nas redes sociais, aliás, no zap a mesma coisa a gente cria um grupo, né? Ou de professores, ou de alunos onde eles trocam ideias e conhecimentos novos, né? Isso facilita também, não só né, os membros da comunidade, da minha aldeia no caso, mas outras pessoas como Paracaná, Gavião, Xicrin, né? São as pessoas que a gente é... são amigos que a gente tem uma amizade, os Tembê também... A gente conhece várias pessoas do mundo inteiro, pessoas que são indígenas, outras que não são indígenas, pessoas negras, pessoas até

de fora do Brasil a gente conhece, a gente acaba conhecendo, né? A gente acaba convivendo com esse tipo de situação, né? E é bom, por um momento é bom porque a gente troca conhecimentos, a gente conhece, faz novas amizades com outras pessoas (Professor Waremoa Assuriní, 37 anos, em 16/11/2019).

Observamos na fala do professor Waremoa, as formas de negociações que os indígenas Assuriní estabelecem com o que vem de fora, no momento em que utilizam das redes sociais, como exemplo o *Facebook*, para manter contato com a cidade e com alguns órgãos municipais para resolver questões, também estabelecem diálogo com indígenas de outras etnias do Estado como os Paracaná, Gavião, Xicrim e Tembé, o que contribui para articulação de pautas do contexto indígena da região, além de estreitarem laços de amizades e conexão com parentes dessas etnias. Permitindo assim, que as informações atinjam um público mais amplo dentro da aldeia Trocará, por meio também da criação de grupos no *WhatsApp*, seja entre professores da aldeia ou entre outros moradores, onde interagem entre si cotidianamente compartilhando conteúdos, “trocando ideias e novos conhecimentos”.

Desse modo, no processo de ressignificação das formas de resistência, analisamos as lutas históricas travadas com empresas que impactaram negativamente a reserva Trocará, como exemplo a Eletronorte, que com a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, mudou radicalmente as formas de viver dos indígenas Assuriní. Pois, além dos problemas ecológicos, se intensificou a invasão de pessoas não indígenas que passaram a explorar áreas da reserva, aumentando os confrontos com caçadores e madeireiros ilegais, e também com os moradores da região, desencadeando um clima de tensão entre estes e os habitantes da reserva Trocará (SOUSA, 2014). Com isso, ao longo dos anos o diálogo com a Eletronorte tornou se cada vez mais intenso, devido a necessidade dos Assuriní estabelecerem conexão com a empresa, que se estende até os dias atuais, buscando sempre melhorias para a comunidade e garantia de direitos. Conforme podemos observar na fala do líder Pirá Assuriní, o qual destaca o papel dos meios eletrônicos e da *internet* como facilitadores desse diálogo:

A gente tem um convênio com a eletronorte, né? Aí sempre tá se comunicando com eles, através da *internet*, mandando recado pra eles, enviando documento. É... isso aí pra mim é muito bom também sabe porque? Porque eu deixo de ir lá em Brasília, né? Daqui de tucuruí eu já mando pra lá, então assim dificulta pra mim a minha saída pra lá pra fora, né?... Pra falar a verdade nem de celular eu gosto, sabe? Eu tive um celular aí, só que eu assim, não gosto de tá usando isso, né? Mas Muitas pessoas falam: tu como presidente da associação tu vai ter que ter computador, tu vai ter que ter celular, como é que a gente vai se comunicar? Então assim, mas é coisa meu,

eu não gosto de usar, né? Eu acho que a internet ela é muito bom, mas só que assim, tem pessoas que não gosta e tem pessoas que gosta, é como meu pai sempre fala: a pessoa sempre acostuma com uma coisa que ela nunca viu, né? Mas assim, é... eu sou uma pessoa que não gosto mesmo dessas coisas, eu quero viver assim como eu vivo na minha aldeia, né? (Pirá Assuriní, 42 anos, em 17/11/2019).

Pirá Assuriní afirma que seu contato com as ferramentas tecnológicas e com o espaço digital se dá de forma direta e indireta, pois elas ajudam a resolver questões sem precisar se deslocar para lugares distantes, percebendo a *internet* com um papel integracionista entre pessoas e lugares. Entretanto, apesar de ocupar uma função de liderança dentro da aldeia e que em muitos momentos é pressionado por outros indígenas a se apropriar desses recursos devido o avanço deles em sua realidade juntamente com as necessidades que se apresentam, sua preferência é não ter um contato mais frequente e aprofundado, reafirmando assim, seu modo de vida.

Em vista disso, torna-se explícito que as ferramentas do mundo digital ocupam um papel importante no contexto de preservação, fortalecimento, visibilidade, ressignificação e ampliação das culturas e tradições. Podemos também observar tais aspectos nas análises de Alda Costa (2010), ao abordar o contexto dos Suruí-Aikewará (PA) por meio da avaliação que faz a jovem Aikewára Wiratinga sobre o papel dos eletrônicos e seus recursos presentes em sua realidade, na qual diz: “Acho bom porque a gente mostra a cultura da gente e as crianças aprendem mais. Os adultos contam as histórias e as crianças aprendem” e “deixa a marca de nós na TV. A gente só via dos outros índios, nós não parecia, o nosso povo também pode ser visto”. Nessa perspectiva, destaca-se o projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre as tradições e as novas tecnologias”, sendo esse “o primeiro passo para vários que foram construídos ao longo do projeto para colocar os índios na internet” (COSTA, 2010). Pois,

É nesse sentido que defendemos a utilização dos recursos tecnológicos, como forma de garantir que os jovens indígenas tenham acesso a cultura ocidental, mas que também possam recorrer aos avanços para se fazer visível e pertencentes sociedade... Antes, quase nenhuma informação sobre esse povo indígena podia ser acessada, até pelo histórico de sua sobrevivência, nos quais constavam a sua extinção. Hoje é possível acessar ou encontrar através dos e-mail criados para alguns Suruí, por parte dos textos produzidos por três Suruí (Murué, Tiapé e Mairá) para o aikewara.blogspot.com, por 04 filmes postados sobre esta sociedade no YouTube, as fotos da comunidade no Flickr ou encontrar Murué e Tiapé Suruí como usuários do twitter... Evidentemente que tudo é muito recente, mas a intenção é fazer com que o Suruí possa protagonizar suas próprias informações. Atualmente eles ainda necessitam da ajuda dos pesquisadores e bolsistas para realizar as tarefas na internet. Mas o certo é que não se pode negar sua participação nesse mundo digital (COSTA, 2010, p. 8-9).

Neste passo, muitos indígenas “utilizam dos meios tecnológicos para divulgar o que acontece nas suas aldeias, entendendo que, por meio desses meios, podem, de certa forma, manter seus costumes e repassá-los” (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 192). Como bem defende a professora Morosopia Assuriní, 46 anos, moradora da aldeia Trocará, mais conhecida como Vanderleia, as funções disponibilizadas pelos eletrônicos como o celular, além de ajudarem em questões pessoais, tornando possível diminuir a distância com outros parentes e permitindo saber sobre outras realidades, também ajudam a “guardar a história dos nossos anciões”, evidenciando “a importância que os mais velhos possuem na transmissão de saberes, ensinamento e práticas culturais” (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 196). Com isso, mostrando que tais ferramentas se utilizadas em favor da cultura de seu povo, podem trazer muitos benefícios que contribuem para o fortalecimento e continuidade desta:

Ela trouxe um pouco de mudança porque antes a gente só fazia em papel, hoje não, a gente pode tá ligando pra pessoa, perguntando se tá bom, se não tá. Igual a minha mãe, ela tava doente aí a gente não tinha como se comunicar com ela, aí a gente fica preocupado, agora não, a gente tendo, ela tendo o celular dela ou de outra pessoa a gente liga, pergunta se tá bem, né? No caso de doença. A gente não pode tá junto, aí tem que ligar pra saber... Já esses dias que comecei a comprar o celular pra mim, antes eu usava àqueles pequenozinhos, aí hoje já comprei um digital, tô começando a fazer treinamento, já começando usar, pra fazer os trabalho também do meu TCC... Facilita um pouco a minha vida, e da comunidade, porque lá a gente tá guardando a ferramenta da minha comunidade, né? Porque a gente faz a gravação com eles, lá a gente tá gravando e guardando tudo lá dentro. A gente faz mais com os sábio, pra contar a história, algumas palavras que a gente não sabe, pra gente tá registrando essas coisas (Professora Vanderleia Assuriní, em 17/11/19).

A partir dos relatos da professora Vanderleia Assuriní, destaca-se o papel do celular digital citado por ela, suas funções lhe ajudam com questões acadêmicas, como na escrita de seu TCC, fazendo um exercício duplo, pois, quanto mais o utiliza para produzir trabalhos da faculdade, mais aumenta sua experiência que reforça o domínio das ferramentas disponibilizadas por ele, revelando assim sua familiaridade com o eletrônico.

Desse modo, observa-se mudanças significativas de hábitos no contexto da comunidade por meio das novas formas de comunicação, trazendo aspectos da modernidade que se difundem entre a cultura Assuriní no momento em que utilizam dos recursos tecnológicos para reproduzirem elementos culturais, a exemplo das funções

disponibilizadas pelo aparelho celular que permitem “guardar” as histórias dos anciões da aldeia por meio da gravação delas, o que contribui também para o aprendizado da língua quando se registra “algumas palavras que a gente não sabe”, fator esse que colabora para a continuidade dos conhecimentos tradicionais, conseqüentemente trazendo mudanças culturais resultantes de tal diálogo, ampliando as possibilidades de fortalecimento da cultura Assuriní, avaliadas pela professora Vanderleia Assuriní como práticas que facilitam a sua vida e da comunidade.

No que se refere às ações tecnológicas no contexto de projetos presentes no Brasil e em algumas partes do mundo que contribuem para o processo de resistência por intermédio da TICs e que buscam a preservação das línguas nativas e a valorização de aspectos culturais de um povo, podemos observar através das análises de Costa e Fernandes (2015), como o aparelho eletrônico *Smartphone* por meio do aplicativo chamado “Aikuma”⁸ contribui no processo preservação de línguas nativas, sendo possível gravar a língua, registrar histórias antigas e tradicionais e traduzi-las, arquivando-as em Cds. Nesse sentido, Programas como o “Projeto de documentação de línguas indígenas (Prodoclin)⁹, o “Projeto Ompi”¹⁰ ou o “Projeto mantendo vivas as vozes da floresta: documentação das tradições orais amazônica”¹¹ são ações inovadoras

8 O aplicativo é bem simples, funcionando apenas com ícones, não utilizando a escrita, permitindo aos falantes gravar e traduzir sua língua. O professor Bird levou para Amazônia 15 smartphones para gravar as histórias antigas e tradicionais, o aplicativo possibilita compartilhar conteúdos com outros telefones da rede e pode ser adaptado para o português por qualquer pessoa conectada à rede. A tradução é feita frase por frase. No final do processo, um CD será gravado com a história e a tradução. O projeto do australiano além de preservar as línguas indígenas da Amazônia, ajudará a desenvolver a escrita de línguas ainda ágrafas e a criar dicionários e gramáticas.

9 O Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (Prodoclin) que é a união entre Museu do Índio, que é vinculado à Fundação Nacional do Índio (Funai) e parceiros. Foi iniciado em junho de 2009 e atualmente trabalha em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na documentação de 13 línguas indígenas. O trabalho gera um acervo para o Museu do índio e também para próprias comunidades. Outros materiais também são produtos do Prodoclin: ortografia, gramática, material pedagógico etc. Além da equipe de especialistas do Prodoclin, o trabalho é realizado também pelos próprios indígenas treinados pelo projeto em todas as lições que envolvem a documentação - softwares específicos, áudio, vídeo, transcrição e tradução.

10 O site Sun Net notícias divulgou uma reportagem que informa que a Organização das Nações Unidas (ONU) criou um projeto piloto que pretende manter vivas as tradições culturais através de arquivos digitais, ação que contribuirá para preservação da memória indígena no Quênia. Para tanto a agência da ONU irá incluir na iniciativa registros de expressões culturais, línguas e costumes que serão repassados a gerações futuras. O Ompi no Quênia vai oferecer também técnicas de documentação e arquivo, noções de propriedade intelectual para representantes indígenas e computadores para as comunidades indígenas. O Ompi recomenda que o povo Maasai, etnia que esta contribuindo para o projeto, trabalhe em parceria com o Museu Nacional do Quênia para elaborar recomendações para o aperfeiçoamento do programa.

11 O portal do Ministério da Educação (MEC) em 2009 anunciou em seu site um projeto coordenado pela professora Marília Ferreira, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA) que vem documentando aspectos culturais e linguísticos das línguas indígenas da Amazônia, na tentativa de preservá-las. Como a transmissão dessas línguas se dá oralmente se faz necessária a documentação, o material coletado serve como apoio pedagógico no ensino de línguas às várias gerações indígenas. O início dos trabalhos começou no ano de 2008, utilizando audiovisuais e transcrições textuais

que, a partir da utilização das tecnologias digitais associadas aos desafios imediatos no contexto em que estas operam, contribuem no processo de preservação das línguas tradicionais. Para o professor David Harisson da Universidade Swartmore: “o efeito positivo da globalização faz com que hoje seja possível que uma língua falada por poucas pessoas e em alguns lugares muito isolados tenha, graças a tecnologia digital, uma presença e uma audiência planetária” (COSTA, FERNANDES, 2015, p. 53).

Do mesmo modo, pode-se também destacar “a versão Guarani do Firefox” criado por estudantes pesquisadores da Universidade Nacional de Assunção - UNA que semanalmente traduziam 40 mil palavras que fazem parte das funções programáticas do navegador para palavras em Guarani, objetivando criar um navegador aos moldes da língua Guarani. Devido no Paraguai existir a “diglossia” (duas variedades de línguas), o Espanhol e o Guarani são utilizados de maneira formal e informal. Contudo, utiliza-se o Guarani mais em situações de marginalidade, o que o coloca em risco de extinção. Sendo assim, o projeto destaca-se pela inclusão da língua em espaços vistos com formais, como exemplo a *internet*, possibilitando a geração e disseminação de conteúdo, abrangendo um público mais amplo de conhecedores da língua, ganhando maior visibilidade e contribuindo para sua sobrevivência. “Então o projeto da UNA possibilitará potencializar e dar uso mais amplo ao guarani com perfil de modernidade” (COSTA, FERNANDES, 2015, p. 52). Entretanto, ainda nas percepções de Costa e Fernandes (2015),

A preservação das línguas indígenas não é uma tarefa fácil, porque depende de uma ação coletiva que deve partir tanto da sociedade e dos governantes quanto dos pesquisadores linguistas... É exatamente neste ponto em que as problemáticas convergem para união entre a tecnologia e preservação de línguas indígenas, a informação fará com que as pessoas possam ter acesso a dados que antes eram desconhecidos e isso pode trazer mudanças de atitudes por parte da sociedade (COSTA, FERNANDES, 2015, p. 49-50).

Contudo, é importante destacar os pontos negativos de alguns programas ou projetos governamentais e não governamentais que muitas vezes encontram problemas na inserção, na manutenção e na permanência desses dentro das comunidades. Logo, percebe-se a incapacidade de alguns programas em abarcar todas as demandas necessárias para os problemas existentes, assim, as dificuldades de manutenção das

para capturar, nas aldeias indígenas, momentos formais e informais do uso das línguas. O projeto contemplou cinco etnias indígenas sendo elas parcatejê, do tronco linguístico macrojê; apurinã, arauetê, xipaia e mundurucu.

estruturas somada ao descaso dos projetos em acompanhar o processo, é um fator que pode gerar exclusão em pequena e larga escala.

É fácil afirmar que a inclusão digital feita pelo programa federal, ainda tem lacunas a serem preenchidas, pois para que se conclua essa inclusão, além da formação e capacitação para que os indígenas possam repassar aos outros membros das comunidades, é preciso adicionar o tempero da ampliação e manutenção de equipamentos. Caso contrário, aumenta as demandas das comunidades indígenas, e diminui a assistência do governo, deixando a desejar o conhecimento tecnológico para outros membros das comunidades (SANTOS, 2011, p. 10).

No contexto das etnias que não se encontram inseridas na era digital, a *internet* até o momento se mostra como uma espécie de escape, na qual “o jovem indígena tenta ser visualizado por outras sociedades apenas como diversão, mas, após ser incluído digitalmente, este tipo de acesso passa a assumir papéis de divulgação e aprendizado” (PINTO, PROCÓPIO, 2018. p. 192). Nessa lógica, segundo as análises de Pereira:

Este processo de auto-representação reside num processo de “fortalecimento cultural”, como é dito por eles, capaz de melhorar a auto-estima desses povos indígenas, estigmatizados nos seus contextos locais e nacionais... A difusão dessas identificações nos meios de comunicação digital representa formas de intercâmbio de significados que rompem, pelo menos parcialmente, com os sistemas de representação hegemônicos: da Funai e da academia, construídos por uma autoridade etnográfica produzida pelos antropólogos. Considera-se, então, que as (re)elaborações étnicas indígenas digitais não são apenas discurso para garantir autenticidade, mas um posicionamento de uma diferença resultado de atribuições de origem colonial e de experiência em situações novas e (re)elaboradas diferentemente pelos sujeitos (PEREIRA, 2007, p. 11-12).

No que diz respeito a utilização das TICs, bem como a participação indígena no espaço digital, na *internet* ou redes sociais, é necessário abordar os aspectos negativos resultantes desse contato. Para Alex Makuxi Santos, saber fazer o diálogo intercultural que possibilite conciliar os modos de vidas tradicionais com o uso das novas tecnologias, ainda continua sendo uma das maiores dificuldades enfrentadas dentro das comunidades tradicionais. Visto que, mesmo que hoje seja comum o uso da *internet* pelos indígenas, ainda há certos empecilhos internos e externos, que geram impactos dentro das comunidades, causados principalmente pelo mau uso dessas novas tecnologias (SANTOS, 2011, p. 1).

No mesmo sentido, a professora Imuinawa Assuriní ao avaliar o uso que a juventude da comunidade Assuriní do Trocará faz dessas ferramentas, destaca as consequências negativas resultantes da má utilização feita pelos jovens de sua aldeia:

A pessoa pra aprender assim, pra envolver na tecnologia como redes sociais ela tem que trabalhar com experiência, né? Tem que trabalhar e aprender usar também, porque ela trás coisa boa, mas também positiva e negativa. Porque tem pessoa que ela não sabe usar a tecnologia, ela faz coisa por fazer, né? Não sabe usar e fica envolvido na coisa que não é pra comunidade ou pra si mesmo, né? E minha avaliação assim de forma geral, mas pelo jovem, né? Que lá na aldeia tem muitos jovens assim de 13 anos 14, tem *internet*, tem *facebook*. Então, pra mim eles não sabem usar, né? Eles faz coisa assim que deixa a gente assim preocupada, né? O jovem, principalmente nas fotos, né? Que eles ficam publicando a foto assim, as vez a festa da comunidade aí, não é permitido assim qualquer um, né? Aí fica divulgando assim é muito preocupante também (Professora Imuinawa Assuriní, 41 anos, em 17/11/2019).

Nas palavras da professora Imuinawa, nota-se a preocupação a respeito dos prejuízos que as ferramentas digitais podem trazer para dentro da aldeia Trocará, como exemplo as redes sociais, através do uso que se faz do *Facebook*, em grande medida pelos jovens Assuriní que passaram a se envolver cada vez mais cedo no meio virtual e entre as mídias sociais. Com isso, afirma que estes “não sabem usar”, pois, priorizam nesses espaços digitais aspectos que trazem mudanças negativas que afetam o comportamento dos mesmos, devido não possuírem ainda “maturidade” para identificar o que é bom ou ruim, o que se deve absorver ou não, deixando-se levar pela novidade que se apresenta em forma de diversão e passa tempo, sendo uma de suas práticas favoritas tirar fotos e publicar nas suas redes sociais, como de festas que ocorrem na comunidade, divulgando para sociedade em geral. Isso tudo preocupa a professora, pois na visão dela trata-se de prática não “permitida pra qualquer um”, revelando uma perda de controle das ações dos jovens dentro dos espaços virtuais.

Esta espécie de preocupação também pode ser observada na fala do professor Waremoa Assuriní, mais conhecido como Peppe, que também enfatiza as consequências negativas acerca da presença da juventude Assuriní nas redes sociais, afirmando que:

A grande preocupação nossa hoje nas redes sociais são principalmente os jovens, né? Porque acaba que influenciando outras coisas diferentes, como no caso a pedofilia infantil. Tem criança que utiliza a rede social lá na aldeia, entendeu? É... a criminalidade também na questão da prostituição, na questão da droga, né? Muitas das vezes tem influências dos não indígenas pra dentro da aldeia, e isso já acontece, a gente tem exemplo de outras aldeias. Que aconteceu e vem acontecendo, eu não sei se na aldeia acontece porque a gente nunca teve esse tipo de caso, mas, isso não quer dizer que não possa tá acontecendo... Muito acontece lá na minha aldeia assim, as vezes eles compram aquelas caixinha, pen-drive ou cartão de memória, eles colocam música, abaixam música; só funk, muita das vezes é rap. Se você ver o celular dos jovens, a maioria deles é rap e funk, entendeu? Aí isso aí é um ponto negativo pra nós, porque a gente quer utilizar pra influenciar a nossa

cultura, pra engrandecer a nossa cultura (Professor Waremoa Assuriní, 37 anos, em 16/11/2019).

Como bem afirma Waremoa Assuriní, casos de pedofilia infantil, prostituição, drogas e criminalidade podem ser propiciados por meio das redes de comunicação a partir da interação dos indígenas Assuriní com pessoas não indígenas desconhecidas, ressaltando que não sabe “se na aldeia acontece porque a gente nunca teve esse tipo de caso, mas, isso não quer dizer que não possa tá acontecendo”, como já vem ocorrendo em casos de outras etnias, fazendo assim um alerta de cuidado com tais questões. Na imagem 09, podemos observar crianças fazendo uso do celular, o qual serve como atrativo para os mesmos, onde muitos passam aprender a utilizá-lo na fase inicial da vida, baixando jogos ou dominado outras funções do aparelho, tornando-se um passo tempo para eles e ocupando um espaço na vida cotidiana.

Imagem 09: Crianças Assuriní no espaço livre da comunidade utilizando o celular.



Fonte: Acervo de imagem, Sumiká Assuriní, 2021.

Além disso, atividades como escutar músicas em caixinhas de som é algo muito recorrente dentro da aldeia, principalmente nos estilos musicais *Rap* e *Funk* que predominam entre os jovens, reproduzidos com a mesma frequência em seus aparelhos celulares, sendo isso algo que também preocupa Péppe, pois preferia que esses recursos fossem utilizados, como ele diz, para “influenciar” e “engradecer” a própria cultura Assuriní. Observa-se assim, que é importante atentar-se para pontos negativos na utilização TICs, percebido com mais frequência no contexto da juventude a partir do momento que passam a usar os eletrônicos e as redes sociais para questões que trazem prejuízos para si e para cultura de seu povo. Conforme avalia Pinto e Procópio:

Uma das atividades que os Assuriní mais gostam de fazer nas suas aldeias é usar o celular para registrar o cotidiano dos familiares e amigos em fotos e vídeos. Embora alguns indígenas ainda utilizem a tecnologia só como distração. Puraké Assuriní afirma que, apesar de saberem que “a tecnologia é boa”, não podem “perder seus traços culturais”, por isso há jovens Assuriní que tentam manter antigas tradições culturais, como: a caça, a pesca, as pinturas, as danças, as brincadeiras, além de outras. Tal reflexão ressalta a preocupação desse grupo indígena em manter culturas, costumes e tradições do seu povo (PINTO; PROCÓPIO, 2018, p. 188).

Na perspectiva dos mais velhos, observamos nesta fala do Cacique Puraké Assuriní que havia grande preocupação sua pelas consequências que a entrada das TICs pode causar nas tradições culturais de seu povo, o que pode ser observado também na fala da professora Vanderleia Assuriní, onde afirma que “os nossos anciãos sempre fala que as tecnologia não é nossa e sempre tá cobrando” e que por conta disso as pessoas mais novas precisam estar mostrando aos mesmos que não são apenas consequências negativas, mas também existem efeitos positivos quando são utilizadas como ferramentas que contribuem para continuidade da cultura Assuriní, precisando assim “conversar com eles até eles compreenderem”. Nesse sentido, conforme defende Gersem Baniwa Luciano,

As gerações indígenas mais antigas parecem oferecer maior resistência à reafirmação das identidades étnicas, em grande medida ainda influenciadas pelas seqüelas do período colonial repressivo. E não é por menos. Eles foram forçados a abdicar de suas culturas, tradições, de seus valores e saberes porque eram considerados inferiores, satânicos e bárbaros (ou seja, eram considerados como sinônimo de atraso, o que os impedia de entrar no mundo civilizado, moderno e desenvolvido) e para poderem se tornar gente civilizada, moderna e desenvolvida. Eles foram obrigados a acreditar que a única saída possível para o futuro de seus filhos era esquecer suas tradições e mergulhar no mundo não-indígena sem olhar para trás. Mas mesmo assim, muitos velhos sábios e anciãos indígenas estão superando esse trauma psicológico, e embarcando no caminho que está sendo traçado e construído

pelas gerações mais jovens, onde prevalece a recuperação da auto-estima, da autonomia e da dignidade histórica, tendo como base a reafirmação da identidade étnica e do orgulho de ser índio (LUCIANO, 2006, p. 40).

Ao se referir a respeito do uso dos aparelhos eletrônicos e das plataformas digitais pelos jovens Assuriní, o jovem Piraunia Assuriní, 17 anos, também expressa sua preocupação em relação ao mau uso que se faz do aparelho celular e das redes sociais pela juventude, ao destacar as problemáticas que passaram a estar presente em sua realidade, enfatiza os efeitos negativos que afetam a cultura de seu povo. Logo, ressaltando sua preferência em não utilizar mais individualmente e com muita frequência os eletrônicos em seu dia a dia:

Hoje em dia que eu vejo, né? Tá rolando lá essas tecnologias na nossa aldeia, que as criança usa de menor, tem *WhatsApp*, *Facebook* pra eles usarem. Eu tinha, mas só que não tenho mais não, não quero usar agora também não. Porque o instrumento da Taquara mexe assim com a nossa mente, por isso que eu não pretendo usar isso não... O aparelho que foi pra aldeia, realmente assim, tá mexendo com a cabeça das pessoa, as pessoa tão mudando, começando a pegar as moda do branco, da cultura deles, aí isso; os aparelhos, tá mexendo muito com a cabeça deles, com a mente deles porque eles não pensaram assim.... A gente não vai obrigar eles deixar o celular deles de lado, né? Mas eles têm que fazer assim: usou celular, mas pensa na cultura deles. Mas não, eles tão pensando mais no celular que na cultura deles, as vez sai um evento assim, pessoas chama eles, eles nem vem ficam só no celular, a pessoa não pode falar nada também. Eu acho que o aparelho tá mexendo muito com a cabeça deles, as pessoas que tem aparelho estão mudando assim, de outra maneira (Piraunia Assuriní, 17 anos, em 17/11/2019).

O jovem Piraunia reafirma o fato de que o contato com as TICs passou a se dar cedo entre as crianças Assuriní que estão em transição para fase jovem da vida, pois estão adentrando cada vez mais nas redes socais, onde percebe que a forte presença dos recursos tecnológicos na comunidade vem impactando nos costumes do povo Assuriní e que para o jovem isso “mexe com a cabeça das pessoas”, pois começaram a “pegar as moda do branco, da cultura deles”, fazendo com que se afastem cada vez mais da sua cultura ao dedicarem grande parte do tempo aos eletrônicos que na maioria das vezes tornam-se prioridade para eles.

Podemos observar nas imagens 10 e 11 as crianças em contato com o celular e seus recursos por meio da *internet* como forma de entretenimento, utilizam em diferentes horários do dia e em diferentes espaços da comunidade, tendo ou não seus pais ou responsáveis por perto. Apesar de nem todos possuírem um aparelho celular, ao utilizarem os de seus pais ou de pessoas próximas, estes “mexem” em conjunto e

individualmente, compartilhando momentos que possibilita com que aprendam e se insiram cada vez mais cedo no mundo tecnológico e digital.

Imagens 10 e 11: Crianças Assuriní jogando no celular a noite.



Fonte: Acervo de imagem, Imuinawa Assuriní, 2021.

Diante disso, não sendo possível fazer com que eles deixem de usar, o ideal seria que houvesse o equilíbrio entre ambas as coisas, entretanto para o jovem Piraunia “eles tão pensando mais no celular que na cultura deles”, afirmando que as questões

tradicionais de seu povo não podem ser deixadas de lado pela geração mais nova, deve-se assim, priorizar os aspectos culturais por meio do diálogo entre tradição e novas tecnologias.

Nota-se, portanto, a resistência religiosa, cultural e identitária que se tem em relação as TICs, pois, apesar dos Assuriní estarem dominando as ferramentas tecnológicas/digitais e utilizando elas para benefício individual e coletivo, não podem deixar de lado os danos que elas ocasionam devido ao uso compulsório em que muitas vezes faz com que deixem de lado os afazeres da comunidade, como participar de eventos comunitários para dedicarem seu tempo aos eletrônicos. Por isso, “algumas populações indígenas, de certa forma, têm temor diante do avanço das novas TICs entre elas, pois temem que muitos podem ser influenciados por outras culturas, vindo afastar-se da sua” (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 192). Portanto,

“Como á uma moeda, a entrada das tecnologias nas aldeias indígenas também tem seus dois lados. Um deles é o fato de se igualar a sociedade externa, em meio ás manifestações, comunicações, divulgação eletrônica... O segundo lado, causados por uma parte de pessoas, que com a chegada da internet, deixaram de lado a forma de vida tradicional e caíram em um “vício eletrônico”, deixando os afazeres comunitários em um segundo plano” (SANTOS, 2011, p. 1).

2.4. Problemáticas e dificuldades no acesso e utilização dos meios tecnológicos

Embora seja muito frequente e comum o acesso ás TICs dentro das comunidades indígenas e entre os indígenas que se encontram fora destas, existem aldeias em que esse contato ainda não é possível e em outras ele ainda é pouco materializado, pois, muitas enfrentam dificuldades na obtenção e domínio destas, sendo em grande parte afetadas pela desassistência do governo, uma vez que “nos programas sociais governamentais, as etnias brasileiras não tiveram prioridade, pois foram visas de forma desigual e discriminatória” (PINTO, PROCÓPIO, 2018, p. 193).

De acordo com Noronha (2010), apesar de que as novas TICs tenham possibilitado avanços e progressos para a sociedade, nota-se que não foi possível tal avanço chegar nesta de maneira unânime, pois, na atualidade grande parte das pessoas não tem acesso a essas tecnologias em seu dia a dia e quando dispõem é de forma extremamente limitada e restrita, o que promove o crescimento e a manutenção do analfabetismo digital. Logo,

“A tecnologia por si só não vale a pena, pois ela deve vir acompanhada de condições de acesso, fazendo com que o seu uso proporcione ações totalizantes e não excludentes. A centralização do conhecimento tecnológico aumenta acaba vez mais o abismo digital e, conseqüentemente, o social, uma vez que pessoas sem condições de acesso ficam impossibilitadas de adequar-se às inovações proporcionadas pelas mesmas” (NORONHA, 2010, p. 2).

As dificuldades no acesso aos aparelhos e recursos tecnológicos de informação e comunicação podem ser observadas no contexto da etnia Anambé, localizada nas proximidades do município de Moju (PA). A partir da fala da professora Vanusa Anambé, 46 anos, percebe-se que o primeiro contato com os aparelhos eletrônicos na sua comunidade aconteceu através da casa do chefe de posto que possui dentro da mesma, na qual tinha energia elétrica e televisão, onde ia todos os dias assistir as programações disponíveis. No entanto, após a chegada da energia elétrica na comunidade em geral, os moradores aos poucos foram comprando as suas para dentro de suas casas. Seu primeiro celular era “esses pequenos” e que apenas recentemente teve acesso ao digital, passando a aprender suas funções. Ainda que os moradores da comunidade tenham acesso a alguns eletrônicos, não se pode fazer uso de todas as funções que são disponibilizadas para outros eletrônicos como o celular, pois, dentro da aldeia não pega sinal de *internet* e de operadoras telefônica, não permitindo assim a comunicação dentro da comunidade por meio destes, somente sendo possível se comunicar com pessoas de fora através de um rádio funil existente na comunidade ou se deslocando pra locais onde pega o sinal de operadora, como na casa de um morador da aldeia ou apenas na cidade:

O celular logo que a gente tinha era esses pequeno, né? Agora que nós temos um digital, aí aos pouco a gente vai aprendendo a mexer com ele até, a descobrir tudo. E lá mesmo, lá dentro não pega telefone, só tem a casa do indígena que mora distante, né? Aí quando a gente quer se comunicar a gente vem lá pra casa dele se comunicar, lá dentro mesmo só é o rádio que se comunica pra Tucuruí, e ali pra aldeia Trocará e pronto. Lá só é televisão e os som que tem... Telefone é só quando a gente precisa mesmo vim ligar que a gente vem lá, né? Mas que tirando disso é só na cidade que entra em área, se não for na cidade a gente não se comunica com ninguém, tá lá só pra... (Professora Vanusa Anambé, 46 anos, em 17/11/2019).

Da mesma forma, o cacique Yramu Anambé, mais conhecido por Cafú, como representante de seu povo, destaca que utiliza o aparelho celular apenas quando tem algum compromisso na cidade e precisa se deslocar até lá para resolver questões pessoais ou de sua comunidade. Assim como relata as dificuldades iniciais de acesso a

informação e comunicação para além de sua aldeia, pois “não tinha acesso nenhum, só quando no caso a gente saía, tinha a data certa pra gente chegar, a data pra gente sair”, e “pra falar com as pessoa era coisa mais difícil”, sendo apenas possível se comunicar com indígenas de outras aldeias ou com pessoas da cidade somente “se a pessoa fosse lá mesmo pra se comunicar”.

Diante disso, para as etnias que não se encontram inseridas totalmente no contexto das tecnologias informacionais e de comunicação, possuem pouco contato com os eletrônicos remanescentes destas, ou ainda tem limitações na utilização de suas ferramentas e recursos, é necessário destacar que apesar dos recursos tecnológicos que chegam nas aldeias de forma direta ou indireta, possam trazer algumas consequências negativas, não se pode negar o papel fundamental que estes ocupam no contexto das comunidades tradicionais, principalmente nas quais ainda tem pouco contato e muita dificuldade no acesso, pois, apesar das restrições, como foi percebido no contexto dos Anambé, estas ajudam em questões e problemáticas individuais e comunitárias que são colocadas nos dias atuais e que muito afetam as realidades das populações indígenas espalhadas pelo Brasil. Sendo assim,

“percebe-se que as novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram progressos significativos para o desenvolvimento da comunicação, informação e interação social, uma vez que propicia cada vez mais inovações significativas no âmbito social, acarretando uma série de benfeitorias para a sociedade. Entretanto, faz-se necessário uma disseminação desses benefícios a fim de abarcar a sociedade de forma geral e não de forma limitada como tem ocorrido” (NORONHA, 2010, p. 2-3).

Por outro viés, torna-se importante que a chegada das TICs nas comunidades indígenas que tem o acesso materializado em seu cotidiano ou nas quais ainda possuem pouco contato, se dê de forma diferenciada. De acordo com Luciano (2006), são os próprios indígenas que tem que decidir sobre a melhor forma de apropriação dos recursos tecnológicos, onde possam ter acesso a informações qualificadas que contribuam para tomadas de decisões precisas e conscientes, no intuito de garantir a autonomia destes diante dessa nova realidade que pode trazer prejuízos aos seus modos de vida. Em vista disso, “o acesso aos recursos tecnológicos da informação e da comunicação precisa ser acompanhado de outras políticas sociais de forma adequada e articulada, para dar conta de todas as dimensões e formas de organização da vida desses povos” (LUCIANO, 2006, p. 90-91). Com isso, segundo afirma este mesmo autor:

“Caso contrário, as decisões assumidas podem ser resultantes de visões ingênuas e indevidas acerca da importância e da utilidade dos recursos tecnológicos, sendo eles vítimas de pressões e ilusões. Se assim for, os novos recursos contribuirão para aprofundar o histórico processo de desagregação social e cultural dos povos... Para que uma adequada apropriação aconteça, é necessário avançar em alguns aspectos afirmativos e propositivos de políticas públicas. A principal questão refere-se ao fato de que não pode haver domínio e usufruto social da tecnologia sem educação de qualidade e adequada. O acesso aos instrumentos tecnológicos e digitais enquanto fonte de informação e o seu domínio devem ser tratados como direito básico do cidadão, incluindo os cidadãos indígenas, tratando-se, portanto, de objeto de políticas públicas – bem público, de direito público. Sem uma educação de qualidade e adequada, o acesso a recursos tecnológicos tornará os povos indígenas vítimas consumidoras da invasão de novas visões do mundo e do homem – ingerência e dominação – em detrimento das cosmologias indígenas que fundamentam, orientam e organizam a vida social, cultural, econômica e política dos diferentes povos. Tudo isso é o avesso da uma cidadania indígena diferenciada” (LUCIANO, 2006, p. 90-92).

Posto isto, conforme avalia Piraunia Assurini, os jovens da sua aldeia “querem a parte deles do branco”, não abrindo mão de exercer o direito de se apropriarem das TICs, e que por conta disso na maioria das vezes “deixa a cultura dele de lado pra ficar mexendo no celular que é do branco”, fator este que ocorre devido a necessidade cada vez mais intensa de se incluírem entre os elementos específicos da modernidade, apesar desse processo ser acompanhado de fatores sociais historicamente construídos que não permitem uma real inclusão em sua totalidade de benefícios para os povos indígenas e suas culturas. Conforme ressalta Luciano (2006), devido à falta de instrução e condição que possibilite a apropriação e o diálogo de forma mais equilibrada e adequada com os recursos tecnológicos de informação e comunicação e suas ferramentas, ocasionada pela falta de políticas públicas específicas para isso, é essencial que se tenha ponderação na utilização e que essa consciência possa chegar a todos, para que assim de fato se atinja uma “cidadania indígena diferenciada” (LUCIANO, 2006, p. 92).

Contudo, segundo afirma Ferreira, a identidade cultural indígena possibilita o contato com outras sociedades, podendo influenciar e ser influenciada a partir do momento em que o indígena transita pela cultura do não indígena, imprimindo marcas na cultura ocidental e deixando imprimir elementos novos para sua cultura. Esse processo de adaptação e novas assimilações das identidades são influenciadas pelas transformações sociais, econômicas e políticas, visto que com o processo de globalização, verifica-se que as identidades ganham caráter dinâmico e vão remodelando sua identidade no decorrer dos diferentes períodos históricos. Neste sentido, apesar dos significativos avanços tecnológicos, acesso fácil às informações, promovidos pela globalização, a identidade cultural indígena vem sendo preservada.

Embora as diferentes etnias indígenas tenham ampliado seus horizontes em relação à cultura ocidental e seus elementos constituintes, a sua base identitária permanece, zelando pelo patrimônio cultural de seu povo, que é constituído por características que lhes são próprias e singulares (FERREIRA, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história de contato entre grupos humanos distintos, a estrutura da diferença se construiu, avançando por séculos e configurando-se nos dias atuais. Observamos assim, a eficácia das consequências de tais processos na vida das populações historicamente e atualmente marginalizadas. Percebemos também que a história não caminha apenas por uma via, pois os povos e as culturas indígenas diferentemente do que a historiografia do poder contou, não ficaram restritos a submissão, a não aceitação da condição de subjugados demonstra que a participação ativa no processo histórico de resistência fez com que após de cinco séculos de colonização, continuem existindo, reinventando-se a cada dia, ressignificando os métodos de resistir como forma de sobreviver.

Com isso notamos que as populações indígenas que habitam o território brasileiro na atualidade enfrentam cotidianamente os efeitos materiais e mentais do processo civilizatório, a discriminação e preconceito ainda se fazem presente em suas realidades, onde suas ações dentro da “sociedade moderna” colocam em debate questões ainda pouco compreendidas, discutidas ou aceitas por grande parte da sociedade, consolidando uma imagem estereotipada dos sujeitos que traz à tona a discussão do “ser índio” na contemporaneidade.

O presente trabalho abordou o diálogo entre as tecnologias de informação e comunicação (TICs) e os povos indígenas. A partir disso foi possível perceber como se dá a dinâmica dessa relação no contexto da etnia Assuriní, revelada por meio da participação ativa dos indígenas Assuriní no processo de resistência por intermédio das TICs, que mesmo com as dificuldades e problemáticas envolvidas, conseguem reinventar suas formas de lutar pela vida, pelo território e pela cultura/identidade Assuriní.

Ao longo do estudo vimos o papel dos recursos tecnológicos e suas ferramentas no contexto desse povo, onde os homens e mulheres que habitam esta comunidade estão inserindo-se cada vez mais entre as novas tecnologias, suas experiências intensificam a cada dia a forma de lidar com os eletrônicos, o processo de adaptação envolve questões individuais e coletivas específicas. As influências externas que vêm acompanhadas dos aparelhos se difundem entre os Assuriní, refletindo em suas ações e trazendo alterações no modo de vida.

Durante o processo de escrita acompanhei uma *live* que tinha como palestrante o professor Dr. indígena Edson Kayapó, na ocasião, fiz uma pergunta relacionada a “entrada das TICs nas comunidades indígenas” a este professor indígena, que respondeu, afirmando enfaticamente que: “o computador, a *internet* e os celulares não chegam batendo nos portões das aldeias perguntando se podem entrar, é uma invasão geral de tudo”, tal afirmação foi constatada na realidade da aldeia Trocará, não sendo tarefa fácil enveredar pelas especificidades da cultura dos Assuriní em interação com as novas formas de comunicação e informação, dada por meio da apropriação das ferramentas tecnológicas. Contudo, foi possível compreender as formas de negociações entre a identidade cultural desse povo e os elementos da modernidade, percebidas nas novas ações tecnológicas interna e externamente a comunidade através das relações de sociabilidade desenvolvidas.

Os relatos orais e histórias de vida deixaram evidente que os indígenas Assuriní da terra indígena Trocará, desde as crianças, os adultos e até mesmo os mais velhos, são protagonistas de uma nova realidade referente as práticas de comunicação e informação. Pois, os novos meios informacionais/comunicacionais adentraram individual e coletivamente suas mentalidades, desenvolvendo novas concepções sobre o mundo em qual vivemos, ocasionando transformações tanto no contexto cultural, como no aspecto político e educacional, promovendo mudanças em diversos setores dessa comunidade, seja contribuindo para o ensino dos alunos(as) na escola Warara’awa Assuriní, ampliando as formas de organização política ou mesmo facilitando o contato/relação com a Funai e outros órgãos ligados a questões comunitárias.

Nestas condições, observa-se que as novas tecnologias estão presentes no contexto da etnia Assuriní, desempenhando importantes funções na vida dos indígenas que tem acesso a estas. Assim sendo, mesmo para os indígenas que não se encontram inseridos totalmente entre elas (como no caso dos mais velhos), possuem pouco contato com os eletrônicos remanescentes destas, tem limitações na utilização de suas ferramentas e recursos, ou ainda que esse contato possa trazer algumas consequências negativas, não se pode negar o papel fundamental e estratégico das TICs, servindo como ferramenta de luta e resistência na realidade da comunidade Assuriní do Trocará.

FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA:**a) FONTES ORAIS:**

Waremoa Assuriní. Entrevistado. 16/11/2019. Juaba/Cametá-PA

Yramu Anambé. Entrevistado. 16/11/2019. Juaba/Cametá-PA

Morosopia Assuriní. Entrevistada. 17/11/2019. Juaba/Cametá-PA

Piraunia Assuriní. Entrevistado. 17/11/2019. Juaba/Cametá-PA

Pirá Assuriní. Entrevistado. 17/11/2019. Juaba/Cametá-PA

Imuinawa Assuriní. Entrevistada. 17/11/2019. Juaba/Cametá-PA

Vanusa Anambé. Entrevistada. 17/11/2019. Juaba/Cametá-PA

b) FONTES IMAGÉTICAS:

Mapa de Localização da reserva Trocará. Fonte: Acervo da Escola Warara´awa Assuriní

Imagens Fotográficas utilizadas do acervo pessoal da professora Imuinawa Assuriní

Imagens Fotográficas utilizadas do acervo pessoal do jovem Sumiká Assuriní

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Alejandra. **IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL NO CIBERESPAÇO: práticas informacionais e de inclusão nas comunidades indígenas no Brasil.** Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.22, n. 1. P. 121-128, jan./abri. 2012

ALMEIDA, Magdalena Maria de. **HISTÓRIA ORAL E FORMALIDADES METODOLÓGICAS.** IN: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/>

ALMEIDA, Maria Celestina de. **Os Índios na História do Brasil.** Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ALVES, Lenice Miranda. **As Tecnologias de Informação e Comunicação em Licenciatura Intercultural Indígena [manuscrito]: caso da UFG/ Lenice Miranda Alves- Goiânia, 2015.**

BARROS, Igor Silva de. **Corpo, educação e cultura: as práticas corporais e curriculares da Escola Wararaawa Assurini da Aldeia Trocará / Igor Silva de Barros. — 2020. 112 f.: il. color.**

BARROS, Igor. S.; PINTO, B. Celeste de Moraes. **Cultura, identidade e saberes tradicionais dos Assurini do Trocará, Tucuruí/PA** IN: Brazilian Journal of Development. v.7, p.40825 - 40841, 2021.

COSTA, Alda Cristina, **A Comunidade Indígena e o Mundo Tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára.** IN: 3º Simpósio Hipertexto e tecnologias na Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

COSTA, Natalina Sierra Assêncio & FERNANDES, Patricia Damasceno. **A TECNOLOGIA A FAVOR DA PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS.** Web-Revista SOCIODIALETO • www.sociodialeto.com.br Bacharelado e Licenciatura em Letras • UEMS/Campo Grande M e s t r a d o e m L e t r a s • U E M S / C a m p o G r a n d e ISSN: 2178-1486 • Volume 5 • Número 15 • Maio 2015 Edição Especial.

FERREIRA, R. A. et al. **A interculturalidade com origem na escola do branco – as contribuições da Educação Física e da Geografia para a temática indígena em sala**

de aula. Série - Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, v. 38, p. 203–221, 2015.

FREIRE, José Ribamar Bessa & LEITE, Renata Daflon. **Patrimônio em rede: a cinza, a brasa e os direitos indígenas no Brasil.** IN: <https://books.openedition.org/oep/870>.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social-teoria, Método e Criatividade.** Petropolis: vozes, 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)** / Daniel Munduruku. – São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura).

NORONHA, Flaviana Carneiro. **O DIREITO E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.** IN: <https://www.webartigos.com/artigos/o-direito-e-as-novas-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao/49018>

NUNES. M. F. R. **Aprende brincando: a criança atuando entre o povo assurini do trocará, município de Tucuruí-pa.** Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura.) – Ufpa. Cametá, Pará, 2017.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS, TÉCNICAS E CARACTERÍSTICAS.** IN: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>

PEREIRA, Eliete. **Ciborgues indígen@s .br: a presença nativa no ciberespaço.** Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas. Universidade de Brasília, 2007.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes & PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. **Tecnologias de Informação: a Inserção de Outras Linguagens nas Práticas Educativas e Culturais do Povo Assuriní da Aldeia Trocará, Município de Tucuruí/PA.** In:

Linguagens e Resistências. Cametá – Pará: Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFGA. Programa de Pós-Graduação Em Educação e Cultura, 2018.

PORTELLI, A. **O que faz a História Oral diferente**. Tradução. Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Revista Projeto História. PUC/ São Paulo, fevereiro de 1997, p. 25-39.

PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. **Educação Escolar Indígena na Amazônia: Uma Abordagem Histórica Sobre os Desafios, Avanços e Perspectivas na Escola Wararaawa Assurini Localizada na Transcametá Tucuruí-Pa**. Campus Universitário Do Tocantins/UFGA-Cametá, Faculdade de Educação, 2012 (Trabalho de Conclusão de curso).

RIBEIRO. B. N. P. **Mahira e os saberes femininos: gênero, educação e religiosidade na comunidade indígena assurini do trocará, município de tucuruí/pa**. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura.) – UFGA. Cametá, Pará, 2017.

RIBEIRO, Bárbara de Nazaré Pantoja. **“A crença na Sawara e a Inserção de credos não indígenas entre o povo Assurini do trocará, no município de Tucuruí-Pará”**. (Cametá/Pará, 2014 Trabalho de Conclusão de Curso de História-FACTHO/UFGA).

SANTOS, Alex Barbosa. **Inclusão Digital e Comunidades Indígenas: A Internet como Parceira**. Universidade Federal De Roraima- UFRR, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

SOUSA, Ronaldo Kainan de; TOMIZAWA, Guilherme. **CIBERINCLUSÃO: A defesa da internet como forma de transmissão cultural**. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR – Brasil. Ano IV.

SOUSA, Ueliton de. **História, Costumes e Mudança Alimentar do Povo Indígena Assurini da Reserva Trocará, Município de Tucuruí, Pará, 1990 a 2010**. Campus Universitário Do Tocantins/UFGA-Cametá, Faculdade de História, 2014 (Trabalho de Conclusão de curso).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveria. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. **Tecnologia, Informação e Inclusão – Juventude e Internet**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. BR/2008/PI/H/15. V. 4, n. 3, 2008.

Sites:

https://www.midiaticom.org/seminariointernacional/archives/2019/gts/GT_X_Participacao_estrategia_e_criacao/Diva%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Gon%C3%A7alves.pdf

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/23/indio-ta-evoluindo-cada-vez-mais-e-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro.htm>

<http://www.indiosonline.net/>

ANEXO I:

Resumo do trabalho na Língua Assurini feito pela Professora Morosopia Assurini (Vanderleia Assurini).

Karamé, semo'ensawa hekai repané toro' esang kato'ete a'é oma'é eromi takorapina (tecnologia) oké akwawa Assurini yuya pye tukarapé no ma'é toria yuya pé tukurua, ma'é pará pé, eromi toro'esang a'é tupawa social a'é o'apó ma'é yuyrakynga imanao social yuya rehé tukarapé to'esá aká ma'é eromi henopa ma'é apotawa eromi eletrônicos a'é basei tecnológicos ma'é serengawa a'é kwe interferência isi ma'é né ma'é apotawa. A'é eromi o'esá akwawa weréká esuleysa Assurini eromi kwe amaté plataformas digitais, esope toapo, toro'esang toro'sereng kwe a'é TICs, oapo ma'é pyhykawa esope, amaté pé wé esope saue, a'eseroha, oma'erapo ma'é alterações a'é cetidi ano isi.